UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

MEMORIAL ACADÊMICO

Memorial submetido à avaliação da Comissão Especial de Avaliação como parte dos requisitos para promoção à classe de professora Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Clarice Cassab

Juiz de Fora

Maio de 2026

Lista de quadros

Quadro 1 - Disciplinas ministradas de 2016 a 2026
Quadro 2 - Orientação de trabalhos de conclusão de curso

Quadro 3 – Projetos de extensão coordenados

Quadro 4 - Projetos de pesquisa coordenados

Quadro 5 - Projetos de pesquisa na condição de integrante da equipe

Quadro 6 - Distribuição da produção acadêmica segundo modalidade de autoria (2017-2026)

Quadro 7 – Produção por ano, tipo, título e autoria

Sumário

APRESENTAÇÃO.....1
Primeiro momento: A universidade como horizonte possível e a Geografia como escolha..5
Segundo momento: a graduação em Geografia, contexto político e formação.....6
Terceiro momento: Educação popular e a volta para a universidade.....10
Quarto momento: mudança para Juiz de Fora e o UFJF: Território de Oportunidades. .14
Quinto momento: O doutorado e meu ingresso como docente na universidade pública....19
Sexto momento: O retorno para a UFJF.....24
6.1. A chegada e a criação do NuGea:.....24
6.2. O ensino como eixo estruturante:.....26
6.3. A extensão universitária.....33
6.4. A pesquisa.....36
6.5. Eventos.....44
6.6. Administração.....45
6.7. Publicações.....47
6.7.1. Temáticas.....53
7. Demais atividades:.....57
Sétimo momento: a Geografia das Juventudes.....58
Oitavo momento: próximos movimentos.....62
Uma última palavra:.....64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....66
Fala de Apresentação: Memorial Acadêmico 68

APRESENTAÇÃO

Escrever um memorial é recolher os fragmentos dispersos da existência e tecê-los em uma narrativa que não apenas recorda, mas ressignifica. Pois a memória não é um depósito de eventos, ela está em constante movimento, onde o passado se refaz a cada olhar lançado sobre ele. No ato de rememorar, revisitamos os caminhos trilhados. As lembranças que escolhemos registrar não são meros ecos distantes; são as âncoras que nos mantêm ligados ao que fomos e os trilhos que indicam para onde vamos. Ao escrever, damos forma ao que parecia disperso, transformamos instantes em legado, transmutamos a experiência em significado. E assim, ao traçar as linhas desse percurso, percebemos que a memória não se fecha em si mesma. Ela se projeta adiante, iluminando os passos por vir. Um memorial, afinal, não é apenas o relato do vivido, mas o fôlego daquilo que ainda viveremos.

É neste espírito que escrevo este memorial para promoção à Titular. Nele registro fragmentos de um percurso que me constitui. Mas como escolher tais fragmentos? Afinal, trata-se de uma vida inteira. Um caminho que se inicia no ato de meu nascimento, momento que Norbert Elias (1994) considera fundante do indivíduo, pois marca nossa inserção em uma rede complexa de relações sociais e processos civilizatórios. Nascer, portanto, não é um evento isolado ou puramente biológico. Ao contrário, representa a entrada em um tecido de interdependências no qual cada pessoa passa a ser formada pelas dinâmicas culturais, históricas e sociais que a precedem.

Essa perspectiva nos lembra que nenhuma trajetória pode ser compreendida como um percurso exclusivamente individual. Cada biografia é, na verdade, parte de um processo relacional mais amplo, no qual experiências pessoais se constituem no encontro com outros sujeitos, instituições e contextos históricos. Aquilo que chamamos de trajetória é, portanto, o resultado de múltiplas interações que, ao longo do tempo, entrelaçam histórias individuais e processos sociais.

Nesse sentido, a vida de cada pessoa não se desenvolve à margem do mundo social, mas no interior dele. As escolhas, oportunidades, vínculos e percursos que compõem uma biografia são atravessados por condições históricas específicas, por redes de relações e por estruturas sociais que moldam, limitam e também ampliam possibilidades de ação. A trajetória individual aparece, assim, como uma expressão singular de processos coletivos mais amplos.

Há ainda uma terceira dimensão importante nessa reflexão: a continuidade histórica que ultrapassa o indivíduo. Cada pessoa nasce em um mundo que já está em movimento, herda práticas, valores, instituições e conflitos que foram produzidos por gerações anteriores e, ao mesmo tempo, contribui para transformá-los. Dessa forma, nossas histórias pessoais se inscrevem em processos mais longos, que começam antes de nós e seguirão depois de nossa passagem.

É a partir dessa compreensão que organizo as páginas que seguem. O memorial que apresento não pretende narrar uma história isolada, mas registrar alguns momentos de um percurso que se construiu no entrelaçamento entre experiências pessoais, relações sociais e processos históricos mais amplos. Ao longo das páginas que seguem, procuro registrar alguns dos momentos em que essas relações se tornaram especialmente significativas. É a partir dessa compreensão, de que trajetórias individuais e processos sociais se entrelaçam continuamente, que organizo este memorial.

O desafio é recolher, num universo complexo de momentos e eventos, aquelas passagens que marcaram o percurso de nossa constituição como sujeito no mundo. Escolhas que não são neutras ou imparciais. Elas pretendem revelar uma trajetória de sentido, capaz de nos conduzir ao objetivo desejado. Nesse aspecto, escrever um memorial implica capturar momentos considerados significativos dessa trajetória. Memórias, lembranças carregadas de significados subjetivos, emocionais e seletivos que constroem uma narrativa.

É por ter esse entendimento que escolhi Paul Ricœur para me acompanhar na construção da narrativa deste memorial. Assim como nosso autor, acredito que a narrativa tem um papel fundamental na construção da memória e da história. As histórias que contamos são as que dão sentido ao nosso passado. Não são apenas relatos de fatos, mas tentativas de compreensão e integração do que aconteceu, de forma a transformar essas experiências em algo significativo. A narrativa de uma trajetória tem o poder de construir sentido, mas também de moldar o que lembramos e o que escolhemos esquecer.

Este Memorial narra minha trajetória profissional. De escolhas e esquecimentos, de oportunidades e desafios, que foram consolidando um caminho que hoje me conduz a este momento: a promoção a professora titular da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Escrevo, portanto, este memorial de minha trajetória profissional, como uma narrativa que é muito mais do que narrar uma sucessão de títulos, cargos e atividades. Para mim, uma professora universitária, é um exercício de reflexão e reconhecimento da

própria jornada, um processo em que a memória se transforma em matéria viva, capaz de revelar não apenas o percurso trilhado, mas também os sentidos que o sustentam.

Cada aula ministrada, cada pesquisa desenvolvida, cada estudante que cruzou o caminho, tudo compõe a trama deste relato. O memorial é, assim, um espaço de reconstrução, onde as experiências acadêmicas não se reduzem a marcos institucionais, mas se revelam em sua potência formadora. Ele permite revisitar escolhas, desafios e conquistas, evidenciando como o fazer docente se entrelaça com minha história pessoal, com a construção do conhecimento e a transformação social.

No caso de uma professora da universidade pública, essa escrita se carrega de um significado ainda mais profundo. Ensinar, pesquisar e atuar nesse espaço não é apenas uma prática acadêmica, mas um compromisso com o direito à educação, com a democratização do saber e com a defesa intransigente da universidade como bem público. O memorial se torna, assim, não apenas um relato individual, mas um testemunho de pertencimento a uma instituição que resiste, que se reinventa e que, apesar dos desafios, segue sendo um pilar essencial da sociedade.

Ao escrever, a professora não apenas organiza os passos percorridos, mas compreende de que maneira sua atuação foi moldada por contextos, encontros, influências e compromissos. O memorial não é, portanto, um documento burocrático, mas um testemunho de trajetórias, um registro da docência como experiência viva, atravessada pelo tempo, pelos encontros e pelos desafios de formar e ser formada no fazer docente.

Ele deseja contar a história de uma professora que sempre se deixou ser afetada pelo mundo. E que, ao fim, ao olhar para o que foi escrito, percebe que o memorial não encerra um ciclo, mas abre caminhos para novas reflexões, reafirmando que a trajetória de quem ensina é, antes de tudo, uma caminhada contínua entre o passado que nos constitui e o futuro que ajudamos a construir.

Nesse sentido, organizo este memorial em oito momentos, como quem percorre etapas de uma caminhada feita de escolhas, encontros e circunstâncias. Não se trata de uma sequência rígida de acontecimentos, mas de um movimento de idas e voltas, de continuidades e inflexões que, ao serem revisitadas, ajudam a compreender como se construiu o caminho que me trouxe até aqui.

O primeiro é uma breve apresentação pessoal. Nele retorno às motivações que me aproximaram da universidade e da geografia, tentando reencontrar o instante em que esse campo de conhecimento passou a se desenhar como horizonte possível, e,

sobretudo, desejado, para aquela jovem estudante que começava a imaginar seu lugar no mundo.

No segundo momento, percorro o tempo da graduação. A Universidade Federal do Rio de Janeiro constitui o cenário dessa etapa, marcada por descobertas intelectuais, pela convivência com professores e colegas que ampliaram minhas referências.

O terceiro momento acompanha o período que se segue à graduação, quando a experiência com a educação popular abriu novos aprendizados e inquietações. É também o momento de retorno à universidade, agora pela porta da pós-graduação, trazendo outras perguntas, responsabilidades e maturidades.

O quarto momento relata a minha ida para Juiz de Fora, as primeiras experiências na educação superior e o primeiro encontro mais orientado com as juventudes. É também o momento em que a UFJF entra em minha vida.

O quinto momento é o da entrada no doutorado. Nesse espaço, as inquietações que vinham sendo gestadas encontraram terreno fértil para amadurecer, permitindo aprofundar referências teóricas e metodológicas que passariam a orientar minha trajetória intelectual. É também minha entrada no serviço público federal como docente efetiva.

No sexto momento, inicio a narrativa de minha inserção na Universidade Federal de Juiz de Fora, agora como professora efetiva. Trata-se do encontro com a universidade pública como lugar de trabalho e compromisso, onde ensino, pesquisa e extensão passam a se entrelaçar no cotidiano da vida acadêmica. Nele aparecem projetos, coletivos, orientações, iniciativas institucionais e experiências compartilhadas que foram dando forma ao meu fazer universitário e ao modo como compreendo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão e gestão.

No sétimo momento, apresento a "geografia das juventudes", campo de reflexão que, pouco a pouco, se tornou eixo estruturador de minhas pesquisas e de minha atuação acadêmica. Mais do que um objeto de estudo, as juventudes foram abrindo caminhos para pensar o espaço, a cidade e a vida social a partir de outras perspectivas, conectando diferentes experiências vividas ao longo dessa trajetória.

Por fim, no oitavo momento, volto o olhar para o futuro. Busco indicar horizontes e compromissos que permanecem abertos. Afinal, narrar uma trajetória é ao mesmo tempo reconhecer o caminho percorrido e reafirmar as escolhas que seguem orientando os passos que ainda virão.

É assim que este memorial busca refletir sobre minha trajetória articulando as diferentes dimensões do trabalho universitário às escolhas, encontros e contextos que a constituíram e que continuam a orientar o percurso que segue adiante.

Primeiro momento: A universidade como horizonte possível e a Geografia como escolha

Sou filha de pais professores de universidade pública. Diferentemente de muitos jovens, a universidade e sua dinâmica sempre fizeram parte do meu cotidiano. Por meio dos meus pais, sobretudo, em um primeiro momento, de minha mãe, eu ouvia, nas conversas em casa, sobre a importância da universidade pública, seu papel social e sua função como produtora de conhecimento e ciência.

Acompanhei meus pais realizarem seus mestrados e doutorados, orientarem alunos, discutirem a política universitária e desenvolverem atividades de pesquisa e extensão. Em um país em que ainda hoje apenas um em cada três jovens que concluem a educação básica ingressa no ensino superior no ano seguinte (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2025), ter a universidade como horizonte desejado e possível é um privilégio que reconheço em minha trajetória.

Concluir o ensino médio e ingressar em uma universidade pública era, portanto, a escolha lógica. Prolongar meu tempo de moratória social, ampliando minha trajetória formativa, também me possibilitou estender minha juventude e exercer meu direito a ela.

A escolha pela geografia surgiu apenas no terceiro ano do ensino médio. Naquele momento, conheci uma geografia até então desconhecida, que me instigava a compreender o mundo de forma crítica, apreendendo-o a partir de uma leitura dialética e relacional. Pelas mãos do professor Paulo Roberto Raposo Alentejano, atualmente docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP), descobri o caminho que queria seguir. Paulinho Chinelo foi, sem dúvida, o primeiro professor a marcar a trajetória que agora relato. Foi ele não apenas o “responsável” pela minha escolha da geografia como formação, mas também quem iniciou minha formação como geógrafa.

Esse registro é um exemplo da relevância que o professor tem em nossa formação, especialmente quando consideramos a juventude como um momento particular e decisivo da constituição do sujeito social. A formação do sujeito não é um

evento pontual, mas um processo contínuo e permanente de subjetivação, no qual somos inevitavelmente marcados pelas experiências que vivemos. Nesse período da vida, em que projetos, referências e identidades ainda estão em intensa elaboração, a escola e seus agentes ampliam o repertório de mediações pelas quais o jovem passa a interpretar o mundo e a si mesmo.

A docência não se limita, portanto, à transmissão de conteúdos; ela é também uma ação consciente de participação no processo de subjetivação do educando, na medida em que interfere na forma como o estudante lê o mundo e se posiciona diante dele. Nesse sentido, o trabalho docente envolve escolhas pedagógicas, epistemológicas e políticas que atravessam a constituição das identidades intelectuais dos alunos.

Como nos ensina Paulo Freire, ensinar exige reconhecer que a educação é um ato intencional e relacional. Para Freire, não há neutralidade na prática educativa: o professor, ao selecionar conteúdos, formular perguntas e estabelecer mediações, participa ativamente da produção de sentidos sobre o conhecimento e sobre o próprio mundo social. É nesse processo que a docência se articula à formação da consciência crítica.

Ao mediar conhecimentos e leituras de mundo em um momento particularmente sensível da trajetória juvenil, alguns professores produzem divisores de águas nas trajetórias formativas de seus estudantes. São aqueles que deslocam perspectivas, ampliam horizontes interpretativos e autorizam o estudante a se reconhecer como sujeito do conhecimento. Nessas experiências, o encontro pedagógico deixa de ser apenas instrucional e passa a ser formativo em sentido pleno, marcando inflexões duradouras nos percursos acadêmicos e pessoais.

Ao longo da minha trajetória, tive o privilégio de encontrar outros professores marcantes; ainda assim, é impossível não reconhecer a importância fundamental do primeiro encontro, aquele que inaugura caminhos e redefine horizontes formativos. Pelas mãos de meus pais e pelas mãos do professor Paulo Roberto Alentejano, fiz a minha primeira escolha formativa e profissional: ingressei no curso de geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1995.

Segundo momento: a graduação em Geografia, contexto político e formação

Fiz toda a minha graduação ainda no primeiro governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Nesse período a política para as universidades públicas foi

profundamente condicionada pela agenda de reforma do Estado, orientada por princípios de redução do gasto público e racionalização administrativa. O objetivo central declarado era reivindicar credibilidade fiscal como forma de manter o controle inflacionário após a implementação do plano Real, o que deslocou investimentos estruturais, entre eles o financiamento universitário, para uma posição secundária na hierarquia orçamentária.

Nesse contexto, as universidades federais passaram a operar sob restrição financeira persistente, através da compressão progressiva de recursos diante do crescimento das demandas institucionais. A limitação de concursos públicos, a redução da reposição de servidores e o adiamento de investimentos em infraestrutura produziram efeitos acumulativos: precarização de condições de trabalho, aumento da relação aluno/docente e sobrecarga administrativa.

Paralelamente, a reforma administrativa introduziu no setor público uma lógica gerencial baseada em metas, indicadores e produtividade que incentivou a intensificação do produtivismo acadêmico e a reorganização do trabalho docente em função de métricas, muitas vezes desconectadas das condições reais de funcionamento das universidades.

Outro eixo decisivo foi a reconfiguração do sistema de ensino superior com a expansão acelerada do setor privado na segunda metade dos anos 1990. A legislação educacional do período facilitou a abertura e a diversificação de instituições privadas, deslocando para esse segmento a principal resposta à crescente demanda por acesso ao ensino superior. Consolidou-se uma estratégia indireta: o Estado restringia a expansão das universidades públicas enquanto estimulava o crescimento do mercado educacional.

O argumento de eficiência fiscal foi incorporado como justificativa técnica para políticas que, na prática, deslocaram parte do custo estrutural das universidades para mecanismos de financiamento complementar, como fundações de apoio e convênios externos. Esse movimento introduziu gradualmente uma lógica de competição por recursos que tensionou a autonomia universitária e seu caráter público.

Para os estudantes das universidades federais, os efeitos desse cenário apareceram no cotidiano acadêmico. A restrição de investimentos impactou a qualidade da infraestrutura, ampliou turmas, reduziu oferta de disciplinas e limitou políticas de permanência estudantil, que ainda eram pouco estruturadas naquele período. Além disso, a escassez de fomento à pesquisa reduziu a disponibilidade de bolsas de iniciação científica e de apoio à formação acadêmica, uma vez que agências de fomento

operavam sob restrições orçamentárias compatíveis com o quadro geral de ajuste fiscal. A ausência de expansão consistente de vagas públicas também manteve o acesso altamente seletivo e socialmente restrito.

A combinação entre restrição orçamentária, expansão privada e gestão por desempenho produziu um cenário de manutenção estrutural com desgaste progressivo das condições materiais, de trabalho e de aprendizagem. A universidade pública passou a funcionar sob pressão constante, com redução de capacidade de planejamento de longo prazo e maior dependência de fontes instáveis de financiamento.

Essa dinâmica marcou profundamente minha graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao longo dos meus quatro anos de curso, minha formação acadêmica foi atravessada pela luta contra o desmonte da universidade, seja acompanhando e apoiando as mobilizações docentes durante as duas grandes greves nacionais ocorridas (1995 e 1998), seja por meio da atuação direta no movimento estudantil, como membro do Diretório Acadêmico. Desse modo, minha trajetória acadêmica inicial foi marcada pela compreensão de que a universidade se constituía como um dos principais espaços de resistência política às reformas econômicas e administrativas então empreendidas pelo governo brasileiro.

Esse não é um ponto menor. Escolher lembrar e registrar, neste memorial, o contexto político no qual realizei minha graduação é afirmar o quanto o ambiente universitário é atravessado por múltiplos tempos e espaços formativos que ultrapassam a sala de aula e assumem importância equivalente a ela. Minha formação acadêmica, portanto, não se deu apenas por meio das disciplinas cursadas, dos projetos dos quais participei ou dos eventos que frequentei. Ela também foi forjada na luta em defesa da universidade pública como um pilar fundamental da sociedade.

Naquele momento, as conversas ouvidas à mesa de casa ganharam forma e densidade, na luta de meus professores, dos TAE e do movimento estudantil, materializando-se na certeza da necessidade de defender a universidade pública e as políticas sociais. Essa experiência contribuiu para consolidar minha visão sobre a universidade e sobre a docência, orientando, ao longo dos anos, meu compromisso institucional e minha prática docente.

É também nesse contexto de tensionamento institucional e escassez de recursos que ingressei em meu primeiro projeto de pesquisa, no laboratório coordenado pelo professor Maurício de Almeida Abreu. Naquele momento, a limitação de recursos exigiu que eu dividisse uma bolsa de iniciação científica do Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico com outro colega. Juntos, trabalhamos no projeto *Expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX*, posteriormente premiado na XVIII Jornada de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1996. Ainda em 1996, passei a atuar com bolsa própria no projeto *Expansão urbana do Rio de Janeiro: levantamento de escrituras do século XVIII*, que teve como um de seus produtos o *Banco de Dados da Estrutura Fundiária do Recôncavo da Guanabara (1635–1770)*, disponível em https://mauricioabreu.com.br/escrituras.

Minha inserção nas pesquisas coordenadas pelo professor Maurício Abreu constitui, sem dúvida, outro divisor de águas de minha trajetória profissional. A participação no grupo de pesquisa, aliada à condução cuidadosa, meticulosa e rigorosa com que o professor estruturava suas investigações, consolidou bases que posteriormente orientariam minha atuação como pesquisadora. Foi nesse período que aprendi na prática sobre a centralidade das fontes primárias, o compromisso com o rigor científico e a acuidade metodológica necessária ao trabalho acadêmico.

Aprendi a pesquisar em diferentes arquivos públicos, a lidar com as dificuldades próprias da paleografia, a compreender a importância da organização e da sistematização de grandes volumes de dados e a articular análise teórica e evidência empírica. Também realizei minhas primeiras apresentações em eventos científicos, experiência que ampliou minha compreensão sobre a pesquisa como prática coletiva e pública.

Maurício foi mais um daqueles encontros que redefinem caminhos. Cuidadoso em seu fazer, meticuloso no trato das fontes e dos dados, exigente na formação investigativa e sempre disponível nas orientações. Os quase quatro anos em que participei de seu grupo de pesquisa me ensinaram, de forma concreta, o sentido de ser pesquisadora: o compromisso necessário, a disciplina intelectual e o cuidado rigoroso com a produção do conhecimento, bem como a compreensão da iniciação científica como processo formativo estruturante para os estudantes. Maurício me ofereceu fundamentos e indicou caminhos, e foi com esse reconhecimento que me despedi dele, em 2011.

Foi na graduação também que orientei meu interesse pela geografia urbana, através das disciplinas cursadas, da pesquisa desenvolvida e dos muitos eventos de que participei naquele período. Foi neste campo que defendi minha monografia sob a orientação do prof. Maurício Abreu. O trabalho *O papel do Estado na construção de*

uma paisagem: o caso de São *Cristóvão* foi defendido em 2000 e contou, na banca examinadora, além do meu orientador, com a presença do professor Marcelo Lopes de Souza, docente que também se tornou uma referência importante em minha trajetória na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua influência se construiu não apenas nas aulas, mas também nas muitas conversas e aprendizagens compartilhadas no Núcleo de Pesquisas sobre Desenvolvimento Sócio-Espacial (NuPeD), espaços nos quais o debate teórico e o rigor crítico ampliaram minha compreensão sobre a Geografia.

Concluída a graduação, era o momento de me lançar ao mundo do trabalho iniciando minha transição definitiva para a adultez. Por um período, a docência na educação básica foi o caminho escolhido, espaço de aprendizagem intensa, no qual a prática cotidiana tensionava e ressignificava os referenciais construídos na universidade. Até que surgiu a oportunidade de deixar a cidade e experimentar outra frente de atuação profissional, abrindo uma nova inflexão em minha trajetória.

Terceiro momento: Educação popular e a volta para a universidade

Ainda em 2000, através de meu pai, um educador popular, surgiu a oportunidade de trabalhar no CEPIS – Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae, um centro de formação e assessoria político-pedagógica no campo da educação popular. Com o novo trabalho vieram também uma nova cidade e os desafios próprios de quem, recém-formada, se vê convocada a aprender em outros territórios que não mais a sala de aula.

Durante os quase dois anos em que vivi em São Paulo e atuei como educadora popular no CEPIS, aprendi uma outra geografia. Uma geografia construída na proximidade com movimentos sociais, grupos populares e trabalhadores; uma geografia que se fazia no aprendizado mútuo e no diálogo, tensionando a separação entre quem ensina e quem aprende. Nesse período, aprofundei metodologias da educação popular e desenvolvi a escuta sensível como princípio político e pedagógico. Foi também o tempo de estreitar compromissos com a luta social, seja pelo trabalho, seja pela militância, que então ganhou centralidade em minha formação.

Em São Paulo, aproximei-me da luta por moradia e de suas ações de resistência frente à expansão das políticas de "revitalização" urbana na área central, em especial aquelas impulsionadas pela Associação Viva o Centro. Processos que evidenciavam

como as políticas urbanas, sob o discurso da modernização e da requalificação, articulam estado e capital imobiliário na produção de novas fronteiras de acumulação.

A cidade torna-se um ativo financeiro, e o espaço urbano passa a ser reorganizado pela lógica da rentabilidade. As chamadas intervenções "revitalizadoras" reconfiguram usos, redefinem centralidades e selecionam quem pode permanecer e quem deve sair. Tratava-se do avanço de um urbanismo de matriz neoliberal, no qual as intervenções no centro funcionavam como mecanismos de captura de renda e valorização imobiliária para investidores, ao mesmo tempo em que produziam a expulsão sistemática de moradores de baixa renda. A disputa pelo centro, portanto, significava a disputa pelo valor da terra, pela apropriação da renda urbana e, sobretudo, pelo direito de existir na cidade.

Foi nesse contexto que me envolvi com movimentos populares que tinham a moradia e o direito à cidade como pautas estruturantes. Acompanhei as ocupações de cortiços na área central e as organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), sobretudo a ocupação Anita Garibaldi, uma das primeiras grandes ocupações organizadas pelo Movimento em Guarulhos, consolidada no início dos anos 2000. Ali, a Geografia deixava de ser apenas objeto de estudo e se afirmava como prática viva, atravessada por conflitos, disputas territoriais e projetos distintos de cidade.

Foram estas experiências e aprendizados que levei de São Paulo ao retornar ao Rio de Janeiro. Era hora de voltar para a universidade e dar continuidade à minha formação, agora no mestrado do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ (IPPUR/UFRJ).

É assim que, em 2002, ingressei no mestrado em Planejamento Urbano e Regional sob a orientação do prof. Carlos Bernardo Vainer. Ao ingressar no mestrado desejava transformar a experiência vivida em São Paulo em uma pesquisa de dissertação. Interessava-me compreender os novos desafios colocados aos movimentos urbanos diante do intenso processo de globalização e avanço das políticas urbanas de caráter neoliberal.

Política que tinha também no Rio um importante epicentro de difusão. Assim, retornei à cidade em um momento em que ela já atravessava um processo intenso de redefinição de suas estratégias de desenvolvimento urbano. Desde os anos 1990, consolidava-se um conjunto de políticas orientadas por princípios associados ao empreendedorismo urbano, nas quais a gestão da cidade passou a mobilizar

instrumentos de planejamento voltados à atração de investimentos, à valorização imobiliária e à inserção competitiva do Rio no circuito das grandes cidades globais.

Como analisam Vainer (2000) e Sánchez (2003), esse processo esteve associado profundamente à difusão de estratégias de *city marketing* e à construção de narrativas que buscavam reposicionar a cidade no cenário internacional, frequentemente articuladas a grandes projetos urbanos e a intervenções seletivas em áreas consideradas estratégicas.

No início dos anos 2000, essas diretrizes ganharam novo impulso com os esforços da cidade para disputar a sede de grandes eventos esportivos internacionais, movimento que mais tarde se consolidaria com a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007, da Copa do Mundo FIFA de 2014 e dos Jogos Olímpicos de Verão de 2016. A preparação para esses eventos reforçou a centralidade de projetos urbanos de grande escala e intensificou o uso da imagem da cidade como ativo econômico e simbólico.

Nesse contexto, planejamento urbano, promoção internacional e grandes intervenções territoriais passaram a se articular de forma cada vez mais estreita, produzindo novas dinâmicas de valorização e ampliando tensões sociais associadas à reestruturação do espaço urbano. Foi nesse ambiente de transformações e disputas que retornei à cidade e iniciei o mestrado, encontrando na pesquisa um caminho para compreender mais profundamente os conflitos e as reconfigurações em curso.

De minha pesquisa de mestrado resultou a dissertação *Mudanças e permanências: uma aproximação ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto em São Paulo*, defendida em 2004, sendo um dos integrantes da banca o prof. Luiz Antônio Machado. Importante nome da sociologia urbana brasileira. Trabalhava com movimentos sociais. Durante a banca, me deu um dos melhores conselhos, o qual repito aos discentes que oriento: o cuidado necessário ao se trabalhar com movimentos sociais em não projetar neles os anseios e expectativas que são nossos. É preciso que eles nos digam e o pesquisador deve saber ouvir. A alegria foi ainda maior quando no final de sua arguição ele me disse que eu teria feito isso muito bem.

Em minha dissertação, analisei os novos desafios colocados aos movimentos sociais urbanos diante das transformações econômicas e políticas em curso. A escolha do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) e da ocupação Anitta Garibaldi como sujeito e objeto de investigação não foi circunstancial. Ela dialogou diretamente com minha experiência anterior em São Paulo, quando atuei junto a movimentos de moradia e acompanhei, de perto, ocupações e processos organizativos em meio ao

avanço das políticas de reestruturação urbana. A vivência concreta dos conflitos pelo espaço urbano, das assembleias, das estratégias de resistência e das negociações tensas com o poder público transformou-se, no mestrado, em problema de pesquisa.

Investiguei, então, em que medida o movimento vinha reelaborando suas estratégias de luta frente à globalização. Parti da compreensão de que tal processo, ao reconfigurar o papel e a dinâmica das grandes cidades nos países periféricos, também alterava as condições concretas da ação coletiva. A dissertação buscou, assim, examinar se a disseminação de novas retóricas e valores impactava as práticas, linguagens e representações do movimento, seja por meio da incorporação seletiva de determinados elementos do discurso hegemônico, seja pelo fortalecimento de posicionamentos críticos. Ao tensionar mudanças e permanências, procurei compreender o MTST como sujeito político em movimento, atuando em um campo de forças reconfigurado.

Essa reflexão dialogava diretamente com minha inserção no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR), no âmbito do Laboratório Estado, Trabalho, Território e Natureza (ETTERN), sob coordenação do professor Carlos B. Vainer, também meu orientador de mestrado. Ali atuei como bolsista no projeto *Mapa dos Conflitos Sociais Urbanos na cidade do* Rio de Janeiro, coordenado por Carlos Vainer e Henri Acselrad, cujo objetivo era construir um panorama sistematizado dos conflitos urbanos ocorridos no município de 1993 a 2003.

Se, na dissertação, eu analisava a dinâmica interna de um movimento específico, no projeto de mapeamento ampliava a escala de observação para o conjunto das disputas urbanas na cidade. O levantamento, realizado a partir de fontes jornalísticas e de ações do Ministério Público, buscou conferir visibilidade pública aos conflitos e subsidiar pesquisas e decisões no campo das políticas urbanas. À época, foram registrados cerca de 900 conflitos, posteriormente classificados em 11 tipologias e disponibilizados em plataforma digital de acesso público, permitindo consultas por tema, território e período.

Desse esforço derivou o Observatório Permanente de Conflitos Urbanos no Rio de Janeiro, que deu continuidade ao monitoramento das disputas urbanas. A articulação entre a pesquisa empírica do mapeamento e a elaboração teórica da dissertação consolidou, em minha trajetória, a compreensão do conflito como categoria analítica central para interpretar a produção do espaço urbano, não como exceção, mas como dimensão constitutiva da vida na cidade.

Em consonância com a pesquisa da dissertação e com a atuação no projeto de mapeamento, segui minha militância em movimentos sociais, agora na cidade do Rio de Janeiro. Juntei-me ao Movimento Consulta Popular, cuja proposta de construção de um projeto popular para o Brasil articulava formação política, organização de base e enraizamento nas lutas concretas. Alinhada a tais objetivos, atuei em especial na formação de sujeitos políticos coletivos e no fortalecimento das mobilizações sociais, entendendo a formação não como etapa prévia à luta, mas como dimensão constitutiva dela.

Em 2002, participei ativamente, pela Consulta Popular, da construção do Plebiscito Popular contra a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), experiência que ampliou minha compreensão sobre articulação em rede, trabalho de base e pedagogia política em larga escala. Ao olhar em perspectiva, percebo que a passagem pelo, com sua ênfase na educação popular e na escuta como método, o trabalho analítico desenvolvido no IPPUR, com o rigor na leitura dos conflitos urbanos, e a militância na Consulta Popular não foram experiências paralelas, mas camadas de um mesmo processo formativo. A prática territorial, a sistematização dos conflitos e a aposta na formação política foram se entrelaçando e desenhando um modo de fazer profissional que articula pesquisa, ensino e compromisso com a transformação social.

O retorno à universidade também significou o encontro com outros professores que marcaram profundamente minha formação. Entre eles, não posso deixar de mencionar Carlos B. Vainer, Henri Acselrad e Ana Clara Torres Ribeiro. Neste recontar de trajetória, seria impossível não destacá-los, seja na orientação e condução da pesquisa, seja nos grupos de estudo do ETTERN, nos diálogos cotidianos ou nas muitas aulas que tive a oportunidade de acompanhar. Com eles, e com os muitos colegas com quem partilhei esse período, aprendi que era possível produzir uma ciência engajada, voltada às questões sociais e comprometida com as lutas coletivas, sem renunciar ao rigor científico. Aprendi que era possível fazer ciência a partir da práxis social e que minha ação política não precisava estar apartada do desejo de produzir um conhecimento capaz de entender a realidade, mas também incidir sobre ela.

Estudar no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, em interlocução com esses professores, foi decisivo para reafirmar uma escolha que ainda se desenhava. A experiência intelectual vivida naquele ambiente, marcado pelo rigor crítico, pelo compromisso público da pesquisa e pela densidade dos debates, consolidou

em mim a decisão de seguir a carreira acadêmica. A partir daquele momento, tornou-se claro que o caminho que eu desejava trilhar estava, de fato, na universidade.

Quarto momento: mudança para Juiz de Fora e o UFJF: Território de Oportunidades

Após a defesa da dissertação, no início de 2004, permaneci no IPPUR, vinculada como pesquisadora ao ETTERN. A intenção inicial era dar continuidade imediata ao percurso acadêmico e me preparar para o processo seletivo de doutorado que se abriria no final daquele mesmo ano.

Entretanto, naquele momento, minha trajetória tomou outra direção. Ainda em 2004, engravidei de minha primeira filha, o que exigiu uma reorganização profunda da vida e das condições concretas de continuidade do percurso acadêmico. Esse período acabou marcando uma inflexão importante em minha trajetória pessoal e profissional, impondo novos ritmos e redefinindo as possibilidades de inserção imediata no campo acadêmico. Mais do que isso, ela me conduziu para Juiz de Fora, cidade para onde meus pais haviam se mudado alguns anos antes.

Em dezembro daquele mesmo ano me mudei para lá. Durante minha licença-maternidade, ainda me mantive vinculada às pesquisas, procurando realizar as minhas atividades dentro das possibilidades concretas da existência e demandas de um bebê pequeno. A despeito de todo o apoio e compreensão recebidos, com o tempo ficou evidente que minha nova condição não me permitiria mais me dedicar à pesquisa e ao laboratório da forma que era preciso. Era o momento de me desligar da pesquisa, do laboratório e do IPPUR e iniciar um outro caminho, agora em Juiz de Fora.

Neste momento, abro este memorial para uma breve reflexão. Mesmo reconhecendo os muitos privilégios que tive, e continuo tendo, para exercer a maternidade, não posso deixar de destacar o quanto ela foi decisiva nas escolhas profissionais que se colocaram naquele período. A chegada de minha filha teve peso direto tanto na decisão de adiar o ingresso no doutorado quanto no afastamento temporário das atividades de pesquisa e na minha mudança para Juiz de Fora. Mais do que uma escolha isolada, tratou-se de um processo de reorganização da vida e do trabalho que implicou redefinir, naquele momento, os caminhos profissionais que eram concretamente possíveis.

Em muitas situações, a chegada de um filho exige uma reorganização profunda do tempo, das prioridades e das condições materiais de trabalho, produzindo interrupções, desacelerações ou redirecionamentos nas trajetórias profissionais. No campo acadêmico, por exemplo, caracterizado por longos períodos de formação, alta competitividade e forte exigência de produção, esses efeitos tendem a ser ainda mais sensíveis, já que a maternidade pode coincidir justamente com fases decisivas de consolidação da carreira, como o ingresso no doutorado ou a inserção mais estável em redes de pesquisa.

Isso evidencia como as mulheres frequentemente precisam negociar suas escolhas profissionais em um contexto institucional pouco adaptado às demandas do cuidado. Não se trata só de decisões individuais, mas de constrangimentos estruturais: a persistência de modelos de carreira baseados na disponibilidade total de tempo e mobilidade tende a penalizar aquelas que assumem responsabilidades de cuidado mais intensas.

Ao mesmo tempo, a experiência da maternidade também passou a reconfigurar minha própria relação com o tempo, com o trabalho intelectual e com as prioridades da vida cotidiana, dimensões que, de diferentes maneiras, acabariam atravessando minha trajetória acadêmica e profissional nos anos seguintes.

Ter me desligado das pesquisas, naquele momento, não significou, contudo, o abandono de meu desejo de estar na universidade. Foi preciso redesenhar estratégias, espaciais e temporais, para manter esse horizonte. Ingressar imediatamente no doutorado e sair de Juiz de Fora não eram possibilidades concretas. O caminho encontrado foi buscar a docência no ensino superior por meio da rede privada, adquirindo experiência, construindo currículo e preservando, de algum modo, o vínculo com a vida universitária e com a geografia. Foi nesse contexto que ingressei em uma universidade privada em uma cidade próxima a Juiz de Fora, como professora do curso de licenciatura em geografia.

De 2005 a 2008 ministrei as disciplinas de Geografia Regional e Geografia Urbana, permanecendo na instituição até o encerramento do curso. Essa experiência foi particularmente significativa por representar minha primeira atuação docente no ensino superior. Ao mesmo tempo, constituiu uma importante reaproximação com a Geografia e com seus conteúdos curriculares no nível universitário. Preparar disciplinas, organizar programas, conduzir debates em sala e dialogar com estudantes em processo de formação docente permitiu retomar referências teóricas e temáticas próprias do campo

disciplinar, ao mesmo tempo em que consolidava uma dimensão do fazer acadêmico que, desde então, passaria a ocupar lugar central em minha trajetória: a docência universitária.

Foi também em 2005 que iniciei minha trajetória na Universidade Federal de Juiz de Fora como bolsista em um programa de extensão universitária. O programa de extensão UFJF "Território de Oportunidades", desenvolvido pela Faculdade de Serviço Social, coordenado pelas professoras Maria Aparecida T. Cassab e Carolina Ribeiro Portella, surgiu no contexto das ações do Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, Infância e Juventude. Sua criação esteve relacionada a um episódio ocorrido durante uma atividade aberta à comunidade no campus da universidade, quando dois grupos de jovens moradores de bairros vizinhos à UFJF se enfrentaram. O episódio evidenciou tensões presentes no território e provocou docentes da faculdade a refletirem sobre o papel da universidade pública em relação à juventude do seu entorno. A partir dessa reflexão, o projeto foi estruturado com o objetivo de articular ações voltadas à juventude e à relação entre universidade, cidade e território, partindo da compreensão de que a universidade deveria assumir um papel ativo na ampliação do acesso a bens culturais, educacionais e formativos, especialmente para jovens oriundos de escolas públicas e de contextos sociais marcados por desigualdades (Cassab e Portella, 2006).

O Território de Oportunidades foi concebido como uma estratégia de aproximação entre a universidade e jovens que viviam em bairros situados no entorno do campus da UFJF, na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. A localização da universidade próxima a bairros populares contribuiu para a formulação de uma proposta de extensão que buscava transformar o campus em um território de oportunidades para esses jovens.

O programa passou, então, a promover atividades que possibilitavam a ampliação das experiências educacionais e culturais dos participantes, ao mesmo tempo em que incentivavam a construção de projetos de vida e a continuidade dos estudos. Desenvolvido por docentes e estudantes de diferentes cursos, o programa adquiriu um caráter interdisciplinar, reforçando a extensão universitária como espaço de articulação entre ensino, pesquisa e intervenção social. Ao participar das atividades do programa, os jovens circulavam pelo espaço universitário, conheciam cursos e áreas de conhecimento e estabeleciam novas referências educacionais e profissionais.

O programa foi estruturado em diferentes atividades formativas organizadas em três eixos principais: oficinas (informática e inglês), acesso à cultura e aos bens

simbólicos (como o ciclo de cinema e a rádio Feminista) e atividades corporais (capoeira e educação física). A apropriação da cidade e o direito à cidade como fundamento do exercício político da cidadania constituíam o eixo articulador dessas atividades, desenvolvidas por meio de práticas de trabalho socioeducativo (Cassab e Portela, 2006).

No âmbito do programa, atuei coordenando o eixo território. A proposta consistia em construir, junto aos jovens participantes, uma reflexão sobre os processos desiguais de produção, ocupação e apropriação da cidade. Para isso, foram mobilizadas metodologias inspiradas na educação popular, que possibilitavam trabalhar conceitos e temas da geografia urbana a partir das experiências concretas vividas pelos jovens em seus territórios. As oficinas constituíam um espaço de diálogo entre saberes acadêmicos e experiências cotidianas, permitindo problematizar a cidade a partir do olhar daqueles que a vivenciavam em suas dimensões mais desiguais.

Vinculado a esse eixo desenvolveu-se também o projeto "*Mapa da rede de atendimento socioassistencial à infância e adolescência em Juiz de Fora*", que surgiu a partir de uma demanda do Conselho Municipal de Defesa da Criança e do Adolescente para atualização do cadastro das entidades de atendimento infantojuvenil do município. Embora originado de uma demanda externa, o trabalho foi desenvolvido no âmbito do Território de Oportunidades e tornou-se um instrumento pedagógico importante para a discussão sobre a cidade e o urbano. Os jovens participantes foram responsáveis pela realização do levantamento e do mapeamento dos equipamentos socioassistenciais, conduzindo visitas de campo, entrevistas e coleta de dados nas instituições, além da alimentação do banco de dados e da participação no processo de georreferenciamento e construção do mapa que compôs o catálogo.

A experiência de campo, na qual os jovens se colocaram como pesquisadores, contribuiu para ampliar sua percepção da cidade como um espaço marcado por desigualdades e para possibilitar uma leitura mais abrangente do urbano em sua totalidade. Esse processo forneceu aos participantes instrumentos analíticos que permitiram questionar as hierarquias espaciais e sociais que organizam a cidade e romper, ao menos parcialmente, com aquilo que se convencionou chamar de pacto territorial, isto é, o conjunto de limites implícitos que tende a definir o lugar de cada sujeito na ordem urbana (Cassab et al., 2006).

Neste memorial, minha atuação no Território de Oportunidades assume uma centralidade por quatro razões que se articulam e se complementam. Em primeiro lugar,

foi por meio desse programa que se deu minha primeira inserção efetiva na Universidade Federal de Juiz de Fora, possibilitando o contato com docentes, cursos, pesquisas e com o próprio ambiente universitário. Em segundo lugar, foi nesse espaço que as juventudes e os jovens se constituíram, pela primeira vez, como sujeitos centrais de meu interesse intelectual e de minha prática de pesquisa e intervenção. Além disso, foi também nesse contexto que a extensão universitária se consolidou, para mim, como um eixo fundamental da prática acadêmica. A vivência no Território de Oportunidades evidenciou o potencial da extensão como espaço de produção de conhecimento, de interlocução com a sociedade e de construção de processos formativos que articulam ensino, pesquisa e intervenção. Essa compreensão passou a orientar minha trajetória posterior na universidade, fazendo com que a extensão assumisse, ao longo do tempo, um papel estruturante em minha atuação docente e em meus projetos acadêmicos.

Por fim, a experiência acumulada no programa e as reflexões produzidas a partir dela resultaram num conjunto de publicações (capítulo de livro e trabalhos em anais de evento) e foram decisivas para a formulação das questões que posteriormente estruturariam meu projeto de doutorado. O Território de Oportunidades foi um ponto de inflexão que marcou de maneira duradoura minha trajetória intelectual e profissional.

Quinto momento: O doutorado e meu ingresso como docente na universidade pública

Estimulada por essa experiência e pelo desejo de retomar o projeto de ingressar como docente na universidade pública, realizei o processo seletivo para doutorado em geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói. Naquele momento, minha vida profissional e pessoal já estava atravessada por múltiplas frentes de trabalho e responsabilidades. Atuava como docente em uma instituição privada localizada fora de Juiz de Fora, mantinha minha participação no programa de extensão desenvolvido na Universidade Federal de Juiz de Fora e era mãe de uma filha de apenas dois anos.

Conciliar essas diferentes dimensões - trabalho docente, atuação na extensão universitária, maternidade e a realização de um doutorado em outra cidade - implicou enfrentar uma rotina marcada por deslocamentos, reorganizações constantes do tempo e intensificação das atividades de trabalho e estudo. A possibilidade concreta de sustentar esse processo esteve diretamente relacionada à rede de apoio que encontrei em minha

família, especialmente em meus pais. Foi essa rede que tornou viável a continuidade de minha formação naquele momento, oferecendo o suporte cotidiano necessário para que eu pudesse me dedicar ao doutorado.

Mais do que um apoio circunstancial, essa rede familiar desempenhou um papel estruturante na decisão de prosseguir com minha trajetória acadêmica. O incentivo recebido foi decisivo para que eu mantivesse o projeto de qualificação acadêmica orientado pela perspectiva de ingresso futuro na universidade pública por meio de concurso. Dessa forma, a realização do doutorado representou não apenas uma etapa de formação intelectual, mas também um movimento estratégico de consolidação de um projeto profissional construído ao longo das experiências anteriores, particularmente aquelas desenvolvidas no âmbito da extensão universitária.

A entrada no doutorado ocorreu em 2006, no Programa de Pós-Graduação em geografia da UFF, sob a orientação do professor Jorge Luiz Barbosa. Desde o início do percurso, Jorge teve um papel fundamental em minha trajetória. Com grande sensibilidade, soube compreender as condições concretas nas quais eu realizava aquele doutorado. Sem abrir mão do rigor e das exigências próprias da formação doutoral, conduziu minha orientação de forma atenta e compreensiva naquele período.

Ele tinha clareza das dificuldades que envolviam minha permanência cotidiana no Programa e no grupo de pesquisa, especialmente em razão dos deslocamentos semanais entre cidades, das responsabilidades profissionais que eu mantinha e das demandas da vida familiar. Ainda assim, sempre reforçou a relevância e a importância do trabalho de pesquisa que eu pretendia desenvolver, oferecendo o apoio necessário para que eu mantivesse confiança no percurso que estava sendo construído.

Essa segurança tornou-se ainda mais indispensável diante de novas dificuldades que surgiram poucos meses após meu ingresso no doutorado. Em junho de 2006, meu pai sofreu um grave acidente, o que trouxe consequências significativas para minha vida familiar e pessoal. Peço licença para registrar esse episódio neste memorial, pois compreendo que ele não constitui um elemento menor em minha trajetória. Realizei meu doutorado em um momento particularmente difícil da minha vida: deslocava-me semanalmente para outra cidade, era mãe de uma criança pequena, que ainda amamentava, e, ao mesmo tempo, enfrentava as consequências do acidente de meu pai, que sempre foi uma referência central de incentivo e apoio para a realização de meus projetos pessoais e profissionais.

Nesse contexto, ter encontrado no Programa de Pós-Graduação em geografia da Universidade Federal Fluminense um ambiente de acolhimento e compreensão foi fundamental para que eu pudesse seguir adiante. Além do apoio constante do professor Jorge Luiz Barbosa, encontrei suporte em docentes como Ruy Moreira e Márcio Piñon, bem como em colegas de turma que compreenderam o momento vivido. Esse conjunto de relações constituiu o suporte institucional e humano de que eu precisava naquele período para sustentar a continuidade da pesquisa e da formação acadêmica. Nesse processo, a orientação de Jorge foi decisiva para garantir as condições necessárias à realização do trabalho de doutorado e à consolidação do percurso intelectual que eu vinha construindo. Nunca esquecerei seus ensinamentos: “Os detalhes continuam importantes. Observe-os. Eles querem conversar com você. Não se perca, pois os detalhes são pistas. Aprenda a interpretá-los”. Continuo tentando!

Foi, portanto, apoiada sobre essas bases, constituídas pelo suporte institucional encontrado no Programa de Pós-Graduação em geografia da Universidade Federal Fluminense e pelas redes de apoio que sustentaram aquele período de minha vida, que realizei a pesquisa que viria a originar minha tese de doutorado. O trabalho teve como objetivo compreender em que medida o espaço constitui uma dimensão fundamental nas práticas das juventudes contemporâneas e, de forma mais específica, analisar de que modo a cidade, por meio de seus processos de apropriação, pode ser entendida como uma categoria central tanto para a construção de novas formas de ação juvenil quanto para a formulação de políticas públicas voltadas a esse segmento.

A pesquisa partiu da hipótese de que as práticas juvenis não podem ser compreendidas apenas a partir de dimensões institucionais ou geracionais, sendo preciso considerar ainda as condições espaciais e territoriais nas quais tais práticas se produzem. Assim, a cidade foi tomada como um campo privilegiado de análise, na medida em que nela se manifestam, de forma particularmente intensa, as disputas por acesso, circulação, reconhecimento e pertencimento que atravessam as experiências juvenis. A apropriação da cidade pelos jovens foi, portanto, analisada como um processo social e político por meio do qual se produzem formas de ação, sociabilidade e expressão que tensionam as hierarquias e os limites impostos pela organização desigual do espaço urbano.

A investigação buscou, assim, compreender de que maneira essas formas de apropriação do espaço urbano se relacionam com a construção de novos repertórios de ação coletiva entre jovens e com a emergência de demandas que passam a interpelar o

campo das políticas públicas. Nesse quadro, a cidade aparece não apenas como cenário das práticas juvenis, mas como dimensão constitutiva das possibilidades de realização das juventudes, na medida em que as condições de acesso, uso e permanência nos espaços urbanos influenciam diretamente os modos pelos quais os jovens constroem suas trajetórias, elaboram projetos de vida e produzem formas de participação social e política.

Ao longo do doutoramento, em 2008, ingressei como professora substituta no Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora, encerrando meu vínculo com o Território de Oportunidades. A experiência representou um momento importante de consolidação de minha trajetória acadêmica, pois me permitiu, ainda durante o processo de formação doutoral, assumir de forma mais sistemática o exercício da docência no ensino superior.

Durante o período em que atuei como professora substituta, lecionei as disciplinas Formação Territorial do Brasil, Introdução à Ciência Geográfica, Organização do Espaço Mundial II, Saber Geográfico Escolar, Teoria da Geografia e Teoria Regional e Regionalização. A diversidade de disciplinas exigiu um intenso processo de preparação e aprofundamento teórico, especialmente por envolver tanto conteúdos relacionados à formação do território quanto debates epistemológicos e teóricos da Geografia.

Foi também nesse contexto que, provocada pelo interesse de alguns estudantes, organizei um grupo de estudos dedicado à epistemologia da Geografia. Compuseram esse primeiro grupo Dayana, Mariana, Flaviane, Gil, Nathan, Lucas e Tiago, alguns dos quais posteriormente se tornariam os primeiros bolsistas e alunos do NuGea. As discussões nesse espaço constituíram uma experiência formativa relevante, para os estudantes e para mim. O grupo se tornou um espaço de interlocução intelectual no qual pudemos aprofundar leituras, discutir autores e problematizar fundamentos teóricos da disciplina.

A interlocução estabelecida no grupo contribuiu diretamente para o aprimoramento de minha prática docente, na medida em que ampliou o diálogo com os estudantes e possibilitou a construção coletiva de reflexões sobre o campo disciplinar. Ao mesmo tempo, muitas das questões discutidas naquele espaço foram incorporadas às reflexões desenvolvidas em minha tese de doutorado, reforçando a articulação entre ensino e pesquisa que vinha marcando minha trajetória naquele período.

O período de doutoramento e de docência na UFJF coincidiu, também, com o contexto de expansão das universidades federais promovido pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que ampliou vagas, cursos e quadros docentes nas instituições federais de ensino superior.

Esse cenário de expansão reforçou a perspectiva concreta de ingresso na carreira docente por meio de concurso público e passou a orientar de maneira mais estratégica minhas decisões naquele momento. Compreendendo que a abertura de novos concursos nas universidades federais criava uma janela de oportunidade para a consolidação do projeto profissional que eu vinha construindo, estabeleci como objetivo antecipar o cronograma de conclusão do doutorado. Assim, organizei meu percurso de pesquisa e redação da tese de modo a defender o trabalho em prazo que me permitisse participar dos concursos que começavam a ser abertos pelo REUNI.

Em fevereiro de 2009 defendi a tese "(Re)construir utopias: jovem, cidade e política" e nesse mesmo ano fiz concurso para o recém-criado curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense, no campus de Campos dos Goytacazes. Foi no dia do concurso que conheci o prof. Leonardo Carneiro. Juntos disputamos a mesma vaga. Naquele momento, nossos caminhos se cruzaram, para depois se separarem - eu como professora da UFF, ele como professor da UFRN - e novamente se interligarem algum tempo depois, já na UFJF como veremos à frente.

Aqui começa efetivamente minha história como servidora pública federal, docente de uma universidade pública. Isso não foi resultado de acaso ou de uma oportunidade isolada, mas a consequência de escolhas, de projetos construídos ao longo do tempo e de percursos acadêmicos e profissionais previamente trilhados. Cada etapa anterior compôs um caminho que tornaria possível disputar e ocupar uma vaga na universidade pública.

Esse percurso, contudo, não foi individual no sentido estrito. Ele foi atravessado por encontros que tiveram papel decisivo. Encontros com pessoas, com instituições, com ideias e com circunstâncias que, em diferentes momentos, orientaram escolhas, abriram possibilidades e consolidaram direções. Foi a partir desses encontros que trajetórias inicialmente paralelas se cruzaram, projetos se redefiniram e caminhos ganharam consistência. O ponto de chegada, o ingresso na universidade, não pode ser compreendido sem considerar essa rede de relações e de apoios que sustentou e viabilizou o percurso.

Também não se pode ignorar o papel do contexto político e institucional. O ingresso no magistério superior federal só se concretizou porque ocorreu em um momento histórico em que havia uma política pública que reconhecia o papel estratégico da universidade pública e, por essa razão, investia em sua expansão e consolidação. A criação de novos cursos, a ampliação de campi e a abertura de concursos para docentes fizeram parte de uma agenda estatal que compreendia a educação superior como um bem público e como um instrumento de desenvolvimento social e científico. Sem essa política de expansão e investimento, trajetórias individuais, por mais consistentes que fossem, encontrariam um sistema muito mais fechado e restritivo.

Esse cenário contrasta significativamente com aquele existente quando realizei minha graduação. Naquele momento, o sistema universitário público operava sob outra lógica, marcada por limitações mais rígidas de financiamento, menor expansão institucional e um horizonte mais restrito de inserção acadêmica. A universidade que encontrei posteriormente como espaço de trabalho era resultado de transformações políticas e institucionais que não estavam dadas no início da minha própria formação.

Reconhecer esse percurso exige também considerar as condições sociais que o tornaram mais viável. O caminho que percorri foi marcado por privilégios que acumulei ao longo da vida em razão do meu lugar de classe e da minha cor. Esses marcadores sociais funcionam de maneira estrutural na sociedade brasileira, produzindo desigualdades profundas nas possibilidades de acesso, permanência e circulação nos espaços educacionais. Ter podido construir uma trajetória acadêmica relativamente contínua, com acesso à formação e à produção de pesquisa, não pode ser dissociado dessas condições que, para muitos outros sujeitos, funcionam como barreiras concretas.

Assim, a minha entrada no serviço público federal não pode ser narrada apenas como um êxito individual. Ela é fruto de um projeto pessoal construído ao longo do tempo, do apoio e dos encontros que tornaram esse percurso possível, mas também das posições sociais que ampliaram as possibilidades de que esse caminho se realizasse e de um contexto político específico em que aumentou a prioridade à universidade pública.

Reconhecer essa combinação de fatores é fundamental para evitar leituras simplificadoras da trajetória e para situá-la dentro das condições históricas e sociais que a tornaram possível.

Sexto momento: O retorno para a UFJF

6.1. A chegada e a criação do NuGea:

A política de expansão das instituições federais de ensino não apenas abriu novos cursos, universidades e campi, como também ampliou as vagas docentes em cursos já existentes. Foi deste modo que, ainda em 2009, realizei um novo concurso, agora para a UFJF. Em 15 de março de 2010 é publicada minha portaria de nomeação e em 23 daquele mesmo mês tomei posse no Departamento de Geociências.

Ao retornar à Universidade Federal de Juiz de Fora, agora como professora efetiva, encontrei um curso bastante diferente daquele em que havia atuado entre 2008 e 2009 como professora substituta. Tratava-se de um curso em processo de crescimento e expansão, estimulado pelos novos investimentos realizados na universidade naquele período. Diferentemente da experiência anterior na Universidade Federal Fluminense, cujo campus de Campos dos Goytacazes ainda não dispunha de prédio próprio, na UFJF encontrei condições institucionais e infraestrutura física que possibilitaram minha instalação e o início mais estruturado de minha atuação profissional.

Foi na Universidade Federal de Juiz de Fora que reencontrei o professor Leonardo Carneiro. Entramos no mesmo ano nesta instituição: ele vindo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e eu da Universidade Federal Fluminense. Juntos, ainda em 2010, criamos o Núcleo de Geografia, Espaço e Ação, o NuGea, que também contou em sua fundação com a participação do professor Carlos Maia.

Por muito tempo caminhamos juntos na construção do NuGea, até o momento em que os caminhos intelectuais e de ação seguiram outros rumos. Leonardo então criou o Quizomba na Mata. Mais uma vez peço licença neste memorial para registrar que esse (re)encontro foi marcado por afetos e parcerias que se materializaram na fundação do NuGea, na realização de nossos Colóquios, nas conversas sobre a política universitária, nas provocações intelectuais e no cotidiano pequeno da vida para além da universidade.

Em 2020, em plena pandemia de COVID-19, celebramos, por meio de diferentes iniciativas virtuais, os 10 anos do NuGea. Em maio daquele mesmo ano, Leo registrava seu depoimento, publicado na rede social do Núcleo:

> Meu nome é Léo Carneiro e assim que ingressei na UFJF fui convidado a construir o Nugea junto com a professora Clarice Cassab. Desde então, temos nos conhecido cada vez mais. As articulações propiciadas pelo núcleo permitiram que encontrássemos fios de Ariadne entre nossas Geografias, nossas diferentes formas de pensar, existir e deixar nossas marcas no mundo. Obrigado pelos quase 10 anos juntos.

Em dezembro de 2020 nos despedimos dele. O professor Leonardo foi mais um daqueles encontros fortes e marcantes que atravessaram minha trajetória. Mesmo diante da ausência, os fios que conectavam nossas existências no mundo seguem inteiros.

Ao longo dos anos, muitos docentes e discentes passaram pelo NuGea, contribuindo para a consolidação de um espaço coletivo de pesquisa, formação e reflexão. Atualmente, o Núcleo reúne cinco docentes da UFJF e um docente da UFF, cada um desenvolvendo pesquisas e ações sob sua própria coordenação. No caso das iniciativas que coordeno, têm sido privilegiados temas como cidade, juventudes, práticas urbanas, ação coletiva, cultura e política, buscando compreender a dimensão espacial dessas experiências e seus desdobramentos nas dinâmicas sociais contemporâneas.

Desde sua origem, o núcleo foi concebido como um espaço coletivo de produção intelectual, voltado à investigação das relações entre espaço, práticas sociais e ação política, articulando ensino, pesquisa e extensão. No plano da pesquisa, o NuGea se consolidou como um ambiente de reflexão teórica e empírica sobre as múltiplas formas pelas quais os sujeitos produzem e disputam o espaço. As investigações desenvolvidas no âmbito do núcleo, por mim coordenadas, têm privilegiado temas como juventudes, ação coletiva, cidade, práticas urbanas, cultura e política, explorando a dimensão espacial dessas experiências e seus desdobramentos nas dinâmicas sociais contemporâneas.

Para além da pesquisa, o NuGea desempenha um papel importante na formação acadêmica de estudantes de graduação e pós-graduação. O núcleo se estruturou como um espaço permanente de interlocução intelectual, no qual grupos de leitura, reuniões de pesquisa, orientação de trabalhos e participação em projetos coletivos passaram a compor parte significativa do processo formativo dos estudantes envolvidos. Nesse sentido, o NuGea funcionou não apenas como um grupo de pesquisa formal, mas como

um ambiente de socialização acadêmica, no qual diferentes gerações de estudantes puderam participar da construção de agendas de investigação e de debate no campo da geografia.

Outro eixo importante da atuação do núcleo foi a organização de eventos acadêmicos. Ao longo de sua trajetória, o NuGea promoveu diferentes edições de colóquios e encontros que reuniram pesquisadores de diversas instituições, criando um espaço de circulação de ideias e de diálogo. Esses eventos contribuíram para ampliar a inserção do núcleo no debate acadêmico mais amplo, além de fortalecer redes de colaboração entre pesquisadores interessados nas relações entre espaço e ação social.

Assim, o NuGea consolidou-se como uma das iniciativas coletivas que marcaram a construção de minha trajetória docente na UFJF. O núcleo representa um espaço de encontros intelectuais, experimentações teóricas e metodológicas e construção compartilhada de projetos acadêmicos, articulando investigação científica, formação de estudantes e debate público no campo da geografia.

A partir deste ponto, este memorial passa a descrever algumas das atividades realizadas como docente efetiva da UFJF. Procurei apresentá-las de maneira a evidenciar seus sentidos e significados no conjunto de minha trajetória acadêmica e profissional, evitando uma simples enumeração. O objetivo é mostrar como cada ação se articula às escolhas que orientaram meu fazer docente.

Para isso, as atividades serão organizadas da seguinte forma: 1) Atividades de ensino; 2) Extensão universitária; 3) Pesquisa; 4) Publicações; 5) Administração; e 6) Demais ações, permitindo uma análise integrada que revele a coerência entre ensino, pesquisa, extensão e engajamento institucional em minha trajetória.

6.2. O ensino como eixo estruturante:

Ao longo dos anos em que estou na UFJF assumi diferentes disciplinas no campo da geografia humana. Inicialmente fui responsável pelas disciplinas de Teoria da Geografia, Metodologia da Pesquisa Geográfica, Região e Regionalização e Organização do Espaço Mundial, tendo também ministrado Formação Territorial do Brasil.

À medida que o corpo docente do curso foi se ampliando, as novas contratações permitiram uma redistribuição das áreas de atuação, o que permitiu direcionar minha

docência de forma mais concentrada para o campo da geografia urbana. Esse movimento possibilitou maior convergência entre ensino e pesquisa, permitindo que as disciplinas ministradas dialogassem mais diretamente com os debates teóricos e empíricos que também passaram a orientar minha produção acadêmica e minhas investigações.

Quando entrei na UFJF, o Departamento ainda não contava com um programa de pós-graduação. Sua criação só ocorreu um ano após minha entrada, quando atingimos o número de doutores necessário para submissão do APCN para mestrado. A partir de sua criação, passei também a ministrar disciplinas na pós-graduação, no nível de mestrado.

O quadro 1 apresenta as disciplinas que assumi nos últimos 10 anos.

Quadro 1 - Disciplinas ministradas de 2016 a 2026

Disciplina	Nível	Anos em que foi ministrada
Introdução à Ciência Geográfica	Graduação	2016
Geografia Urbana	Graduação	2016, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025
Teoria da Geografia	Graduação	2019, 2020
Metodologia da Pesquisa Geográfica	Graduação	2018
Geografia das Juventudes	Graduação	2018, 2021, 2023, 2025, 2026
Cidade, Espaço Público e Diversidade Social	Graduação	2024, 2025
Prática de Ensino de Geografia Urbana	Graduação	2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025
Prática de Ensino de Teoria da Geografia	Graduação	2019, 2020
Geografia, Espaço e Ação	Pós-graduação	2018, 2024
Produção do Espaço Urbano	Pós-graduação	2023, 2026
Tópicos Especiais em Estudos Sócio-Espaciais	Pós-graduação	2019, 2021

Fonte: Currículo Lattes, 2026

Ao longo de 2016 a 2026, a trajetória de disciplinas evidencia coerência entre pesquisa e ensino na interface entre Geografia Urbana, juventudes e produção do espaço. A disciplina Geografia Urbana, ministrada de forma quase contínua, é o eixo central de minha atuação, garantindo contato constante dos estudantes com conceitos, debates e metodologias fundamentais do campo. A oferta de Prática de Ensino de Geografia Urbana reforça a articulação entre teoria e prática pedagógica, formando futuros docentes capazes de refletir sobre sua própria prática. Nessa disciplina, ainda que de forma não central, introduz-se a discussão sobre juventude, concebida como o sujeito com o qual o futuro professor da escola estabelecerá suas relações pedagógicas. O eixo temático sobre juventudes e questões socioespaciais se consolida por meio da disciplina Geografia das Juventudes e, mais recentemente, de Cidade, Espaço Público e Diversidade Social.

Na pós-graduação, disciplinas como Geografia, Espaço e Ação, Produção do Espaço Urbano e Tópicos Especiais em Estudos Sócio-Espaciais ampliam a complexidade e aprofundam a pesquisa, consolidando a articulação entre graduação e pós-graduação e permitindo que os estudantes transitem de forma contínua do ensino básico à produção de conhecimento avançado.

Cumpre ressaltar que a disciplina Geografia das Juventudes foi criada em 2017, no contexto de uma reforma do projeto pedagógico do curso, por mim conduzida como coordenadora da graduação. A proposta buscava conferir à disciplina uma dupla função: oferecer, sobretudo aos licenciandos, um espaço de reflexão sobre as juventudes, seus significados e práticas espaciais, reconhecendo-as como sujeitos ativos na produção de saberes e do espaço; e, assim, contribuir para a formação de futuros docentes capazes de reconhecer os jovens como sujeitos no processo educativo.

A partir desse objetivo principal derivava um segundo: estimular o interesse dos estudantes pelo campo das juventudes, abrindo caminho para formar pesquisadores nessa área. A disciplina buscava articular ensino, pesquisa e compromisso social, promovendo não apenas a compreensão acadêmica dos processos urbanos e das experiências juvenis, mas também o engajamento ético e político na atuação docente e investigativa.

O DEGEO da UFJF foi pioneiro na inclusão de uma disciplina com tal abordagem no currículo da graduação. Hoje uma disciplina semelhante é ofertada no

curso de geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo professor Victor Nedel.

Ainda no eixo do ensino, coordenei dois grupos de estudo abertos aos estudantes, concebidos como espaços, para todos os discentes interessados, de aprofundamento teórico, diálogo coletivo e formação acadêmica para além das disciplinas regulares.

O Grupo de Estudos sobre Juventudes e Geografia articula-se diretamente à minha agenda de pesquisa voltada às relações entre juventudes e espaço. Nesse espaço, discutimos textos clássicos e contemporâneos que tratam das experiências juvenis, das práticas espaciais e das formas de apropriação da cidade por jovens, buscando construir coletivamente referenciais teóricos que subsidiem pesquisas de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e investigações em níveis mais avançados de formação.

Já o Grupo de Estudos em Letramento Racial surgiu das provocações derivadas do projeto de pesquisa *Jovens cotistas e suas mediações espaço-temporais na cidade* e da ação de extensão "*Se liga nas cotas!*", além das questões que emergiram nas discussões em sala de aula, no diálogo com os estudantes. O grupo foi concebido como um espaço de formação e reflexão crítica sobre as relações raciais no Brasil, reunindo leituras e debates que buscavam ampliar a compreensão sobre a questão étnico-racial.

Ambos os grupos se configuraram como espaços de interlocução acadêmica e de formação discente. Soma-se a tais atividades a orientação de discentes em seus trabalhos de conclusão de curso, na graduação e na pós-graduação, como mostra o quadro 2.

Quadro 2 - Orientação de trabalhos de conclusão de curso

Ano	Nome do Estudante	Título do Projeto	Nível
2016	Renata Altina Leite Pamplona	Jovens escolares e a cidade: como jovens "de fora" vivem e afirmam a cidade de Juiz de Fora (MG)	Graduação
2017	Julia Feitosa	Mobilidade em Juiz de Fora: um estudo de caso na região Leste	Graduação
2017	Juliana Aparecida Cantarino	O papel das igrejas evangélicas no processo de reterritorialização e construção das identidades territoriais dos jovens evangélicos do Parque das Águas, Juiz de Fora – MG	Mestrado

2017	Meirijane Teodoro	A perspectiva territorial de organização dos serviços socioassistenciais da Região Norte de Juiz de Fora: estudo a partir dos equipamentos estatais de assistência social	Mestrado
2018	André de Oliveira Melo	A ação do capital imobiliário no (re)ordenamento territorial: o Programa Minha Casa Minha Vida no município de Petrópolis - RJ	Mestrado
2018	Raíza Guimarães Monteiro	Espaços livres de uso coletivo integrados a edifícios privados: instrumentos legislativos e incorporação aos novos produtos imobiliários	Mestrado
2019	Luana Marçal	A praça e seus usos: um estudo de caso em Juiz de Fora	Graduação
2019	Vanely Andressa	Juventudes e suas práticas de lazer na cidade de Matias Barbosa - MG	Mestrado
2020	Juliana Aparecida Cantarino Toledo	Jovens rurais: experiências a partir do lazer em um pequeno distrito da Zona da Mata Mineira	Graduação
2020	Aline de Vieira Souza	Jovens cotistas e cidade: tecendo novas espacialidades a partir do ingresso na UFJF	Mestrado
2021	Antônio Carlos de Oliveira Vieira	O lazer e a identidade territorial: o caso da praça CEU em Benfica, Juiz de Fora	Graduação
2022	Ana Carolina Dias Vieira	Representatividade negra: referenciais e imaginário sobre os jovens negros nas redes sociais	Graduação
2023	Pedro Henriques Fabrino	Compostagem urbana e sustentabilidade nas cidades: estudo sobre coletas e recicláveis na cidade de Juiz de Fora	Graduação
2023	Crislaine Custódia Rosa	BH é quem? BH é nóis - Do Baixo Centro à Savassi: apropriação e territorialização no espaço público de Belo Horizonte pelos malados do funk	Mestrado
2023	Marcelo Henrique de Sá	Ações afirmativas e democratização do ensino superior: perspectivas da juventude negra de Juiz de Fora	Mestrado
2024	Vitória Hipólito	Desterritorializar para controlar: modernização e prostituição na rua Santa Rita em Juiz de Fora no final do século XIX e início do século XX	Graduação
2024	Maria Clara Santana de Freitas	As dificuldades enfrentadas por discentes negros na transição do ensino médio para o ensino superior brasileiro	Graduação
202	Hannah Góes Da	O Hip-Hop é o que o Hip-Hop faz: influência da	Mestrado

4	Silva	cultura Hip-Hop na produção de espacialidades e mobilização juvenil no bairro Dom Bosco, Juiz de Fora - MG	
2024	Monaliza Alves Vasconcelos	Mapeando Juiz de Fora pelos olhos da juventude escolar	Mestrado
2024	Crislaine Custódia Rosa	Territorialidades, disputas e batalhas - as vozes do interior na construção da cidade a partir do rap em Itabirito, Mariana e Ouro Preto e a Batalha dos Inconfidentes	Doutorado (coorientadora)
2025	Juliane Nogueira Rodrigues	Cidades coloridas: grafite e a expressão das juventudes na reconfiguração do espaço urbano	Graduação
2025	Isabel Langeani Ferreira	Jovens skatistas e suas práticas espaciais em Juiz de Fora	Graduação
2025	Vitória Hipólito	Urbanização e modernidade em Juiz de Fora: prostituição na rua Santa Rita	Mestrado

Fonte: Currículo Lattes, 2026

De 2016 a 2025, busquei uma coerência entre ensino e pesquisa, consolidando uma linha de atuação centrada em juventudes, espaço urbano e produção do território. Desde os primeiros trabalhos de graduação, observa-se atenção às experiências juvenis e à relação dos estudantes com a cidade, abrangendo temas como mobilidade, lazer, identidade territorial e representatividade social. Paralelamente, os projetos de mestrado exploraram juventudes e suas práticas espaciais, territorialidades, políticas públicas urbanas e transformações espaciais, incluindo estudos sobre capital imobiliário, espaços coletivos e apropriação cultural do espaço urbano. Nos últimos anos, as pesquisas orientadas expandem a investigação para cultura urbana e práticas espaciais juvenis, com ênfase em rap, hip-hop, grafite e skate, evidenciando articulação entre produção cultural, apropriação do espaço e construção de identidades territoriais.

Busquei uma trajetória no ensino que promovesse a formação crítica, impactando diretamente a experiência acadêmica dos estudantes na compreensão e na intervenção nos processos de produção do espaço. O ensino é o eixo estruturante do meu fazer docente, capaz de articular conhecimento, prática pedagógica e investigação científica.

No entanto, seu valor não pode ser dissociado dos demais eixos que constituem a universidade enquanto espaço de formação integral: o ensino deve estar articulado à

pesquisa e à extensão, garantindo que a universidade não seja apenas um local de qualificação técnica, mas também de formação acadêmica, política e social.

Tal articulação estruturou minha prática docente: cada disciplina e cada orientação foram pensadas de modo a promover a capacidade dos estudantes de compreender, analisar e intervir criticamente no mundo, consolidando uma visão de universidade comprometida com a produção de conhecimento, com a formação cidadã e com a transformação social. Esse princípio orienta minha trajetória não apenas no que ensino, mas também como e por que ensino, de modo a incidir sobre a formação dos discentes.

Essa mesma perspectiva orientou a forma como atuei na coordenação do subprojeto Geografia no PIBID-UFJF. O PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, representou, em minha trajetória, um espaço de aproximação com a escola e com a realidade concreta da educação básica. Em 2016 e em 2019, coordenei os subprojetos de Geografia da UFJF. De 2016 a 2017, isso ocorreu no subprojeto *PIBID Geografia UFJF* e, de 2018 a 2019, no subprojeto "*Geografia: práticas e saberes no diálogo entre escola e universidade para o ensino de Geografia*". Com isso, tive a chance de acompanhar licenciandos em suas inserções no universo escolar, promovendo práticas pedagógicas reflexivas e inovadoras, ao mesmo tempo em que eles eram estimulados a compreender a geografia como saber crítico e ferramenta de compreensão do mundo. O programa permitiu estabelecer um diálogo direto entre universidade e escola, fortalecendo a consciência de que a formação docente exige articulação entre teoria e prática, entre conhecimento acadêmico e experiência concreta em sala de aula.

A experiência no PIBID teve papel decisivo na minha trajetória como docente e pesquisadora, contribuindo simultaneamente para a formação dos estudantes, dos professores supervisores e para o meu próprio desenvolvimento profissional. Dela também resultou a publicação do artigo Sujeitos e saberes na formação do professor de geografia no PIBID, publicado na Revista de Ensino de Geografia, com a coautoria dos professores supervisores.

Além disso, o PIBID influenciou diretamente minha atuação nas disciplinas de licenciatura, enriquecendo minhas práticas pedagógicas e consolidando uma abordagem reflexiva e crítica do ensino de geografia. Mais do que isso, subsidiou a elaboração e a proposição da disciplina Geografia das Juventudes, mostrando que a imersão na escola

fortalece a formação docente dos alunos e produz aprendizagens significativas para o professor-orientador.

Ao mesmo tempo, a aproximação com a escola por meio do PIBID abriu caminhos para desdobramentos posteriores em minha trajetória acadêmica e profissional. A experiência evidenciou a importância de espaços de interação com jovens escolares, refletindo-se futuramente em projetos de extensão voltados às juventudes, aos processos de escolarização e às práticas de apropriação do espaço urbano. Dessa forma, o PIBID não apenas consolidou o ensino como eixo central do meu fazer docente, mas também constituiu a base para ações de extensão que conectam universidade, jovens e território.

6.3. A extensão universitária

Compreendo a extensão universitária como uma práxis educativa e formativa que promove o diálogo entre universidade e sociedade, incentivando a reflexão crítica, a ação transformadora e a produção de conhecimentos por meio da troca de saberes. Nessa perspectiva, minhas ações extensionistas procuram alinhar-se aos princípios estabelecidos pela Política Nacional de Extensão Universitária.

Conforme aponta o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (1987), a extensão deve assegurar o trânsito da comunidade acadêmica na sociedade, possibilitando que docentes e discentes elaborem, na prática social, os sentidos do conhecimento produzido na universidade. Nesse movimento de ida e retorno, a experiência vivida fora do espaço acadêmico retorna à instituição como aprendizado, sendo submetida à reflexão teórica e incorporada à produção de conhecimento. Estabelece-se, assim, um fluxo contínuo entre saberes sistematizados e saberes produzidos nos territórios, contribuindo para a democratização do conhecimento e para interpretações mais densas da realidade social.

Nesse sentido, a extensão constitui um processo dialético entre teoria e prática e implica, necessariamente, a articulação entre produção dialógica de conhecimento e formação discente. Minha atuação nesse campo tem sido orientada por essa dupla preocupação: de um lado, dialogar e produzir impactos junto aos sujeitos sociais com os quais estabelecemos interlocução; de outro, reconhecer o papel formativo dessas experiências na trajetória acadêmica, intelectual e política dos estudantes envolvidos.

No período considerado neste memorial, coordenei diferentes iniciativas extensionistas, sintetizadas no quadro 3.

Quadro 3 – Projetos de extensão coordenados

Título do projeto	Período
Ágora: cidade e política em Juiz de Fora	2018–2019 / 2020–2021 / 2022–2023
Educação, direito e juventudes: política de cotas e democratização da universidade	2019–2020
Se liga nas cotas! Desconstruindo mitos e afirmando direitos	2021–2022
Se liga nas cotas!	2022–2023
Se liga nas cotas! Pensando direitos e projetando caminhos	2024–2025
Laboratório urbano de soluções coletivas	2025–2026

Fonte: Currículo Lattes, 2026

Entre essas iniciativas, o projeto "*Ágora: cidade e política em Juiz de Fora*" buscou construir um espaço de diálogo entre universidade e os habitantes da cidade por meio das chamadas *conversas de rua*. A proposta partia da compreensão da cidade como espaço de encontro, convivência e conflito, no qual diferentes grupos sociais disputam sentidos e condições de vida urbana (Cassab e Batella, 2025). Submetido ao edital de extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora, o projeto contou com três edições. Em duas delas, as conversas ocorreram presencialmente em diferentes bairros e espaços públicos de Juiz de Fora, dialogando com coletivos e moradores sobre questões relacionadas às suas experiências de habitar a cidade. Já na edição de 2020–2021, as atividades foram realizadas de forma virtual, em razão da pandemia de COVID-19.

Ainda em 2019, iniciei a ação extensionista "*Educação, direito e juventudes: política de cotas e democratização da universidade*", desenvolvida em parceria com o GRUPPEJA – Grupo de Pesquisa, Práticas e Estudos da Educação de Jovens e Adultos, da Faculdade de Educação. A proposta, vinculada ao edital PROEX-UFJF de Extensão em Interface com a Pesquisa, buscava promover o debate sobre a política de cotas e sua importância para a democratização do acesso ao ensino superior, ao mesmo tempo em

que procurava compreender quem são os jovens potencialmente atendidos por essa política, suas trajetórias escolares e expectativas de futuro. A ação estava articulada à pesquisa "*Juventudes cotistas e suas mediações espaço-temporais na cidade*", financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Entretanto, as restrições impostas pela pandemia de COVID-19 impediram a realização das atividades presenciais previstas nas escolas, deslocando o foco do projeto para conversas virtuais com docentes e gestores escolares e para a produção de materiais didáticos voltados à divulgação das ações afirmativas e do acesso ao ensino superior público.

Dessas experiências derivou o projeto "*Se liga nas cotas!"*, iniciativa à qual tenho especial apreço. Ele nasceu de um processo mais amplo de reflexão constituído no interior da minha prática docente na universidade pública. Ao longo dos anos, a presença crescente de jovens oriundos dos setores populares e beneficiários das políticas de ação afirmativa transformou profundamente o cotidiano universitário, tensionando nossas práticas pedagógicas e exigindo maior atenção às desigualdades que historicamente restringiram o acesso ao ensino superior.

Minha formação inicial não havia me oferecido instrumentos sistemáticos para enfrentar o debate racial. Na graduação e no mestrado, as desigualdades eram discutidas predominantemente a partir da dimensão de classe. Foi no diálogo com jovens de setores populares, em pesquisas e atividades extensionistas, que passei a notar a centralidade da dimensão racial na compreensão de suas trajetórias urbanas e educacionais.

Compreendi que a docência universitária implica não apenas produzir conhecimento, mas também construir uma prática socialmente referenciada, capaz de dialogar com aqueles que atravessam a universidade e com aqueles que ainda se encontram fora dela. O *"Se liga nas cotas!"* emergiu desse movimento de escuta e autoquestionamento, constituindo-se como uma escolha ética, política e profissional orientada para ampliar o debate sobre ações afirmativas nas escolas públicas.

Ao longo de suas diferentes edições, o projeto percorreu escolas públicas de Juiz de Fora, promovendo debates com estudantes e professores sobre as políticas de cotas para ingresso no ensino superior. Nessas atividades, buscou-se evidenciar como essa política constitui um direito historicamente conquistado pela população negra e parte de um processo mais amplo de enfrentamento às desigualdades raciais no Brasil. A

intenção central foi aproximar os jovens da universidade pública, colocando-a no horizonte de possibilidades de seus projetos de vida.

Paralelamente ao trabalho realizado nas escolas, o projeto investiu também na formação de educadores. Foram realizados três cursos de formação continuada dirigidos a professores e licenciandos, dedicados à discussão das ações afirmativas e das relações raciais na educação. Esses cursos reuniram dezenas de pesquisadoras e pesquisadores de diferentes instituições brasileiras, constituindo espaços de diálogo e circulação de conhecimentos. As atividades deram origem a publicações, apresentações em eventos acadêmicos e novos desdobramentos de pesquisa.

Mais recentemente, iniciei o projeto *"Laboratório urbano de soluções coletivas"* (2025–2026). A iniciativa constitui um espaço de reflexão e construção coletiva de conhecimento sobre a cidade, tendo como ponto de partida o protagonismo juvenil e suas experiências cotidianas. O laboratório busca reconhecer e dar visibilidade às práticas criativas que emergem no cotidiano das juventudes periféricas, estimulando uma leitura crítica das desigualdades urbanas e das estratégias de enfrentamento produzidas nos territórios. Desenvolvida em parceria com escolas da cidade, a ação procura fortalecer o diálogo entre universidade e moradores, tomando o território não apenas como objeto de análise, mas como experiência vivida e compartilhada.

No conjunto, essas ações extensionistas expressam um esforço contínuo de articular ensino, pesquisa e intervenção social, reafirmando a extensão como dimensão constitutiva da formação universitária e como espaço privilegiado de produção de conhecimento socialmente referenciado.

6.4. A pesquisa

Entre 2010 e 2011 coordenei meu primeiro projeto de pesquisa, "*Jovens e cidade: um estudo em Juiz de Fora*", financiado pelo CNPq. O projeto inaugurou minhas atividades de pesquisa no NuGea e deu continuidade a um eixo de investigação que vinha se delineando em minha trajetória: a relação entre juventudes e espaço urbano. A pesquisa buscou compreender como jovens da cidade produziam e experienciavam diferentes espacialidades no cotidiano urbano, explorando os modos pelos quais práticas de sociabilidade, circulação e apropriação do espaço revelavam tensões e possibilidades próprias da vida urbana em cidades médias.

Em 2011 e 2012 desenvolvi o projeto "*Habitação em cidades médias: políticas públicas e uso do solo urbano – um estudo em Juiz de Fora*", financiado pela FAPEMIG. Essa investigação articulou-se a outro eixo de interesse que se consolidaria ao longo de minha trajetória: as questões relacionadas à habitação e às políticas urbanas. Paralelamente, entre 2011 e 2013, desenvolvi a pesquisa "*Juventudes e cidades: espacialidade dos jovens em cidades médias*", em parceria com a professora Juliana Mendes, do curso de Serviço Social da UFF. Como desdobramento desse trabalho publiquei o capítulo "Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude", no livro *A cidade e seus jovens*, no qual discuto como os deslocamentos e usos do espaço urbano constituem dimensão central na construção das experiências juvenis.

Artigo de Oliveira (2023) identifica este como sendo o texto mais citado dentro da categoria "Geografia e Juventudes". O autor realiza um levantamento de 41 teses e dissertações produzidas em programas de pós-graduação em Geografia no Brasil que têm as juventudes como foco de investigação. A partir da análise das referências teóricas utilizadas nesses trabalhos, ele organiza os autores mais citados em três categorias: Geografia, Juventudes e Geografia e Juventudes.

Nesta última categoria, que reúne produções que articulam os estudos geográficos às discussões sobre juventudes, meu texto foi identificado como a obra mais recorrente entre os trabalhos analisados, totalizando 42 citações. Esse reconhecimento evidencia a inserção e a circulação dessa reflexão no campo das Geografias das Juventudes, indicando sua contribuição para a compreensão da dimensão espacial das experiências juvenis na produção acadêmica recente da geografia brasileira (Oliveira, 2023).

Destaco apenas estes primeiros projetos de pesquisas. São eles que, de alguma forma, inauguraram, agora como professora concursada, um esforço de construção de pesquisa e formação, nos estudos sobre juventudes a partir das contribuições da geografia. Ao longo dos anos outras pesquisas foram desenvolvidas e apresento abaixo de forma sistematizada. O quadro 4 apresenta aquelas que foram por mim coordenadas, já o quadro 5 apresenta aquelas de que participei como integrante da equipe.

Quadro 4 - Projetos de pesquisa coordenados

Período	Título do projeto	Financiamento	Resumo
2009 –	**Jovens e cidade: um**	UFJF e CNPq	Investigação sobre as formas pelas

2011	**estudo em Juiz de Fora**		quais jovens de Juiz de Fora utilizam e se apropriam da cidade, analisando práticas de circulação, uso do espaço urbano e experiências juvenis na cidade.
2011 – 2012	**Habitação em cidades médias: políticas públicas e uso do solo urbano – um estudo em Juiz de Fora**	FAPEMIG e UFJF	Pesquisa dedicada à análise das políticas habitacionais em cidades médias, investigando a relação entre políticas públicas de habitação e as dinâmicas de uso e ocupação do solo urbano em Juiz de Fora.
2011 – 2013	**Juventudes e cidades: espacialidade dos jovens em cidades médias**	CNPq	Estudo sobre as práticas espaciais de jovens nas cidades, considerando a especificidade das cidades médias e o papel das políticas públicas na constituição das experiências juvenis no espaço urbano.
2011 – 2013	**Cidade média e juventude: práticas sociais e projetos de vida dos jovens de Juiz de Fora**	UFJF e CNPq	Desdobramento de pesquisa anterior sobre juventude e cidade, buscando compreender como jovens de uma cidade média constroem suas práticas sociais e projetos de vida a partir de suas experiências urbanas.
2016-2019	**O ato de habitar: localização, qualidade ambiental e habitação na experiência do MCMV - Juiz de Fora/MG**	FAPEMIG	Compreender como os moradores do Parque das Águas vivencia(ra)m e significa(ra)m a habitação quando da mudança para aquele que é o maior loteamento do MCMV na cidade de Juiz de Fora. Para tanto, serão considerados dois aspectos essenciais na definição do ato de habitar. O primeiro deles refere-se à localização da casa que remete a sua particular inserção no espaço. O segundo aspecto referente ao ato de habitar é aquele que considerará a qualidade ambiental da casa e do seu

			entorno imediato, em especial o conforto térmico.
2018 – 2021	**Jovens cotistas e suas mediações espaço-temporais na cidade: política, território e juventude**	CNPq	Pesquisa que investiga como o ingresso de jovens por meio da política de cotas no ensino superior reconfigura suas relações com a cidade, ampliando ou redefinindo territórios, práticas espaciais e processos de territorialização.
2020 – 2021	**O estado da arte dos estudos de juventudes na Geografia Brasileira**	UFJF	Levantamento sistemático da produção acadêmica sobre juventudes na Geografia brasileira, identificando temas recorrentes, referenciais teóricos, metodologias e lacunas de pesquisa no campo.
2020 – 2021	**Panorama avaliativo da Política de Cotas na UFJF: possibilidades e desafios**	UFJF	Estudo avaliativo da política de cotas na UFJF entre 2006 e 2019, analisando sua implementação, trajetória institucional e impactos no acesso ao ensino superior.
2020 – 2021	**O estado da arte dos estudos de juventudes na Geografia Brasileira**	UFJF	Pesquisa dedicada ao levantamento e à sistematização da produção acadêmica sobre juventudes na Geografia brasileira, identificando temas, abordagens teóricas e metodológicas e propondo novas agendas de investigação.
2022 – 2023	**Estado da arte dos estudos de juventudes na Geografia Brasileira – fase 2**	UFJF	Continuidade do levantamento sistemático sobre a produção acadêmica referente às juventudes na Geografia brasileira, buscando identificar temas recorrentes, referenciais teóricos, metodologias e lacunas de investigação.
2022 – 2024	**Dos espaços-mortos à produção do lugar?**	UFJF e FAPEMIG	Pesquisa que investiga a apropriação de espaços urbanos subutilizados

	Juventudes, planejamento e outros usos da cidade		por jovens em Juiz de Fora, analisando como essas práticas tensionam o planejamento urbano hegemônico e afirmam novas formas de produção do espaço e de reivindicação do direito à cidade.
2025 – Atual	**Novas Centralidades Urbanas: práticas culturais juvenis e a reconfiguração espaço-temporal do urbano em Juiz de Fora**	UFJF	Pesquisa que busca compreender como práticas culturais juvenis contribuem para a emergência de novas centralidades urbanas em Juiz de Fora, reconfigurando espaços de convivência, circulação e expressão cultural na cidade.
2025 – Atual	**REJUPE: Espacialidades Juvenis em Contextos Urbanos – Diferenças, Diversidades e Desigualdades**	CNPq	Pesquisa voltada à consolidação do campo da Geografia das Juventudes no Brasil, analisando práticas socioespaciais juvenis relacionadas a lazer, cultura, trabalho, comunicação e educação em distintos contextos urbanos (cidade média, metrópole e cidade pequena). Parte da hipótese de que essas práticas constituem estratégias de resistência e transformação do espaço. Inclui cartografia colaborativa, entrevistas e rodas de conversa, além da criação da Rede de Estudos sobre Juventudes e suas Práticas Espaciais (REJUPE).

Fonte: Currículo Lattes, 2026

A trajetória dos projetos de pesquisa desenvolvidos ao longo da carreira evidencia um percurso temático progressivo, marcado pela consolidação de um campo específico de investigação no interior da geografia. Em meus primeiros trabalhos, observa-se o foco analítico na relação entre juventude e cidade, inaugurando um eixo de investigação que passaria a estruturar grande parte das pesquisas subsequentes. Projetos

como *Jovens e cidade: um estudo em Juiz de Fora* e *Juventudes e cidades: espacialidade dos jovens em cidades médias* passaram a examinar as práticas espaciais juvenis, suas formas de circulação e apropriação do espaço urbano, bem como os sentidos atribuídos pelos jovens aos diferentes lugares da cidade. Nesse momento, a juventude passa a ser considerada não apenas como categoria social, mas como sujeito produtor de espacialidades, capaz de intervir e ressignificar os espaços urbanos.

Em um terceiro momento, essa agenda de pesquisa aprofunda-se ao incorporar o debate das cidades médias, contexto territorial central para compreender as experiências juvenis investigadas. Projetos como *Cidade média e juventude: práticas sociais e projetos de vida dos jovens de Juiz de Fora* e estudos sobre habitação e políticas urbanas permitiram articular a análise das práticas juvenis às especificidades socioespaciais dessas cidades, contribuindo para compreender como escalas urbanas distintas produzem condições diferentes de sociabilidade, mobilidade e acesso a oportunidades.

Posteriormente, a agenda de pesquisa passa a dialogar de forma mais direta com políticas públicas e processos de inclusão social, especialmente a partir das investigações sobre jovens ingressantes no ensino superior por meio das políticas de ação afirmativa. Nesse contexto, projetos voltados aos jovens cotistas e suas mediações espaço-temporais na cidade buscaram compreender como o acesso à universidade reconfigura trajetórias sociais e territoriais, ampliando os circuitos de circulação e os campos de possibilidades desses sujeitos no espaço urbano.

Nos anos mais recentes, observa-se um movimento de sistematização e ampliação do campo da Geografia das Juventudes, tanto por meio de pesquisas de caráter teórico e bibliográfico, como os projetos dedicados ao estado da arte dos estudos de juventudes na geografia brasileira, quanto por meio de investigações empíricas que aprofundam a análise das práticas culturais, políticas e espaciais juvenis. Projetos como "*Dos espaços-mortos à produção do lugar? Juventudes, planejamento e outros usos da cidade"*, bem como as pesquisas atualmente em andamento, ampliam essa agenda ao explorar temas como práticas culturais urbanas, arte de rua, novas centralidades urbanas e espacialidades juvenis atravessadas por diferenças e desigualdades.

Nesse contexto, destaca-se a pesquisa *REJUPE: Espacialidades Juvenis em Contextos Urbanos – Diferenças, Diversidades e Desigualdades*, que representa um esforço de consolidação e articulação desse campo de estudos, propondo a criação de uma rede de pesquisadores dedicada à análise das práticas espaciais juvenis em

diferentes contextos urbanos. Ao articular investigações empíricas, reflexão teórica e formação de redes acadêmicas, essa etapa mais recente de minha trajetória evidencia um movimento de amadurecimento e institucionalização da Geografia das Juventudes como agenda de pesquisa, reafirmando meu interesse central na compreensão das juventudes como agentes ativos na produção e transformação do espaço urbano.

Quadro 5 - Projetos de pesquisa na condição de integrante da equipe

Período	Título do projeto	Financiamento	Síntese
2025 – Atual	**Contextos geográficos e campos de possibilidades para diferentes gerações, em uma pequena cidade do Oeste Paulista**	FAPESP	Projeto que busca operacionalizar empiricamente os conceitos de contexto geográfico e campo de possibilidades no estudo das juventudes. Analisa comparativamente três gerações em uma pequena cidade da região de Presidente Prudente, investigando como diferentes contextos espaciais influenciam trajetórias e experiências juvenis.
2023 – Atual	**Rede Latino-Americana de Estudo da Urbanização Interseccionalizada (RELAUI): políticas habitacionais e informação (Wikibairros)**	CNPq e FAPEMIG	Pesquisa internacional que analisa processos de urbanização interseccionalizada em metrópoles latino-americanas (Buenos Aires, São Paulo, Santiago e Cidade do México), com foco em desigualdades socioespaciais relacionadas a classe, raça e gênero. Inclui análise de políticas urbanas e habitacionais e desenvolvimento da plataforma Wikibairros para divulgação de informações sobre periferias urbanas.
2025-Atual	**Laboratório Multiusuário em Humanidades Digitais do Instituto de Ciências**	FAPEMIG	A proposta teve como objetivo consolidar o Laboratório Multiusuário em Humanidades Digitais (LAMU-HD) do Instituto de Ciências

	Humanas - (LAMU-HD)		Humanas da UFJF, com foco no uso de tecnologias digitais em pesquisas sobre identidades, territórios, violências, memória, desigualdades, trabalho e cidadania. O projeto buscou fortalecer a pós-graduação na região da Zona da Mata (Minas Gerais), promovendo pesquisas transdisciplinares entre diferentes programas das Ciências Humanas e desenvolvendo análises de políticas públicas com base em dados, aprendizado de máquina e inteligência artificial. Trata-se de um projeto de pesquisa em andamento.
2025-Atual	**INCT/CNPq - Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias. Urbanização contemporânea e as cidades médias brasileiras**	CNPq	O projeto propõe a criação de um Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia no âmbito da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias para analisar o papel das cidades médias na urbanização brasileira contemporânea. A pesquisa, realizada em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, envolve 25 núcleos institucionais que investigam 48 cidades médias em 17 estados, examinando processos ligados ao comércio e serviços, industrialização, agronegócio e extrativismos. O objetivo é compreender as dinâmicas urbanas, desigualdades socioespaciais e funções regionais dessas cidades, produzindo conhecimento capaz de subsidiar políticas públicas e o planejamento territorial.

Fonte: Currículo Lattes, 2026

O quadro 5 evidencia um esforço de fortalecimento da inserção em redes acadêmicas e a construção de agendas investigativas colaborativas. Nesse sentido, observa-se um movimento de ampliação progressiva das parcerias institucionais, das escalas de análise e das formas de produção coletiva do conhecimento. Considerados em conjunto, esses projetos indicam que uma parte significativa da minha atuação recente tem se orientado pela construção e fortalecimento de redes de pesquisa, entendidas como espaços fundamentais para a produção coletiva do conhecimento científico.

6.5. Eventos

A organização de eventos acadêmicos também ocupa um lugar relevante em minha trajetória, constituindo-se como um espaço privilegiado de circulação de ideias, construção de redes e formação intelectual de estudantes e jovens pesquisadores. Entendo esses momentos como parte do próprio processo de produção do conhecimento, na medida em que favorecem o encontro entre diferentes experiências de pesquisa e extensão e estimulam a reflexão coletiva sobre os temas que estruturam as agendas investigativas.

Nesse contexto, destaco a realização dos **Colóquios do NuGea,** que, em cinco edições, consolidaram-se como um espaço de articulação das diferentes ações desenvolvidas pelos docentes e discentes que integram o núcleo, reunindo atividades relacionadas à pesquisa, à extensão e à formação acadêmica.

Mais do que um evento pontual, ele funciona como um momento de síntese e de compartilhamento das ações em andamento, permitindo a divulgação da produção coletiva do laboratório e a ampliação do diálogo com pesquisadores de outras instituições. Nesse sentido, o colóquio desempenha também um papel formativo importante, especialmente para estudantes de graduação e pós-graduação, ao criar condições para a apresentação, discussão e amadurecimento de suas pesquisas.

Já o Seminário Juventudes e Cidades e o Seminário de Pesquisa com Juventude na Geografia Brasileira foram concebidos como espaços de encontro voltados à consolidação do campo de estudos sobre juventudes no interior da geografia. Ambos os eventos partiram do reconhecimento de que as juventudes vêm assumindo um lugar mais relevante nas análises sobre a produção do espaço urbano e sobre as desigualdades

socioespaciais contemporâneas. Ao reunir pesquisadores de diferentes instituições e regiões do país, esses seminários buscaram promover o diálogo entre investigações que têm as juventudes como objeto e interlocutor de pesquisa, contribuindo para dar visibilidade e densidade a esse campo no âmbito da Geografia brasileira.

Assim, tanto os colóquios do NuGea quanto os seminários temáticos dedicados às juventudes constituem parte de um esforço mais amplo de fortalecer redes de pesquisa, estimular o intercâmbio acadêmico e consolidar agendas coletivas de investigação em torno das relações entre juventudes, cidade e espaço geográfico.

6.6. Administração

Assumir funções de gestão no interior da universidade constitui parte importante da vida acadêmica. Esses espaços são, em grande medida, aqueles em que se formulam, se negociam e se executam as políticas universitárias, possibilitando a implementação de ações acadêmicas, pedagógicas e institucionais que impactam diretamente a vida dos cursos, dos departamentos e da própria universidade. Trata-se de uma dimensão do trabalho docente que exige capacidade de articulação coletiva, disposição para o diálogo e enfrentamento das tensões próprias da vida institucional.

Minha primeira experiência nesse campo ocorreu quando assumi a coordenação do curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, responsável simultaneamente pelos cursos diurno e noturno, no período de 2014 a 2017. Durante essa gestão, coordenei um amplo processo de revisão e reformulação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Esse trabalho mobilizou docentes, estudantes e técnicos em um debate coletivo voltado à atualização da proposta formativa do curso, à reorganização curricular e à adequação da formação às demandas contemporâneas da geografia, especialmente no que diz respeito à formação de professores e pesquisadores.

Posteriormente, assumi a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia (2019-2022), experiência que se revelou particularmente desafiadora. Parte significativa dessa gestão ocorreu durante o período da pandemia de COVID-19, quando foi necessário reorganizar rapidamente o funcionamento do programa para o formato remoto. Isso implicou adaptar disciplinas, orientações, bancas e atividades acadêmicas, ao mesmo tempo em que lidávamos com um cenário de profunda incerteza diante da crise sanitária que atravessava o mundo. Fazer gestão naquele momento

significou, em grande medida, encontrar caminhos para garantir a continuidade das atividades acadêmicas sem perder de vista as condições concretas vividas por estudantes, docentes e técnicos.

A gestão da pós-graduação nesse período também foi atravessada por um contexto político adverso para a ciência e a universidade pública. Cortes significativos nos recursos destinados à pesquisa e à pós-graduação, bem como a fragilização das instituições de fomento e avaliação, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, impuseram dificuldades adicionais à condução do programa. Fazer gestão nesse cenário exigiu esforço permanente de articulação institucional para preservar as atividades acadêmicas e manter as condições mínimas de funcionamento do programa.

Apesar dessas adversidades, ao final do quadriênio de avaliação, o PPGEO alcançou o conceito 5 na avaliação da CAPES, resultado que expressa o trabalho coletivo de seu corpo docente, discente e técnico. Esse desempenho permitiu que o programa pleiteasse a criação de seu curso de doutorado, posteriormente aprovado em 2025, representando um passo importante na consolidação institucional do programa.

Após um breve intervalo, assumi a chefia do Departamento de Geociências (2023-2025 e 2025-2027), função que exerço atualmente em meu segundo mandato. A experiência na chefia departamental reforça diariamente a importância desses espaços de gestão, exigindo diálogo constante com a comunidade universitária e com as diferentes instâncias decisórias da universidade.

Ao longo dessas experiências, também participei de diferentes espaços colegiados institucionais. Como coordenadora da graduação, integrei o Conselho de Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora e, como representante desse conselho, atuei no Conselho Superior da Universidade Federal de Juiz de Fora. Posteriormente, como coordenadora da pós-graduação, representei o PPGEO no Conselho Superior de Pesquisa e Pós-Graduação da UFJF. Atualmente, como chefe de departamento, participo do Conselho de Unidade, representando o Departamento de Geociências.

Paralelamente à atuação na gestão institucional, participei também da diretoria da Associação dos Professores de Ensino Superior de Juiz de Fora, entidade sindical representativa dos docentes da UFJF, no cargo de secretária-geral. A experiência no movimento sindical constituiu um espaço importante de atuação política, voltado à defesa da universidade pública, das condições de trabalho docente e do financiamento

da educação superior. Em um contexto marcado por sucessivos ataques às universidades e pela redução de investimentos em ciência e educação, a organização coletiva por meio do sindicato revela-se fundamental para a defesa dos direitos dos trabalhadores da educação e para a afirmação da universidade pública como patrimônio da sociedade.

Assim, tanto nos espaços de gestão institucional quanto na atuação sindical, busquei contribuir para o fortalecimento da universidade pública, compreendendo que a construção cotidiana dessas instituições depende da participação ativa de seus docentes nos diferentes âmbitos em que se definem suas políticas e seus rumos.

6.7. Publicações

A produção de publicações acadêmicas é uma dimensão central do trabalho docente na universidade. Artigos, capítulos de livro, livros e trabalhos publicados em anais de eventos representam não apenas o registro formal das pesquisas realizadas, mas também a principal forma de inserção no debate científico. Por meio dessas publicações, os resultados das investigações são sistematizados, tornados públicos e submetidos ao diálogo crítico com outros pesquisadores, contribuindo para o avanço do conhecimento em determinado campo disciplinar.

Nesse sentido, publicar significa participar ativamente das comunidades científicas às quais estamos vinculados. Os artigos em periódicos especializados, em particular, ocupam um papel importante nesse processo, pois constituem espaços privilegiados de circulação de ideias e de interlocução entre pesquisadores de diferentes instituições e países. Já os livros e capítulos permitem desenvolver reflexões mais amplas, frequentemente articulando resultados de pesquisas de maior fôlego ou debates coletivos construídos no interior de grupos e redes de investigação.

As publicações em anais de eventos, por sua vez, expressam o dinamismo próprio da vida acadêmica, registrando discussões e resultados de pesquisas em andamento que foram apresentados e debatidos em congressos, seminários e colóquios. Elas refletem a participação ativa dos pesquisadores em espaços coletivos de produção e circulação do conhecimento, muitas vezes constituindo etapas intermediárias de processos investigativos que posteriormente se desdobram em artigos e livros.

A produção bibliográfica representa não apenas um indicador da atividade científica, mas também um mecanismo de difusão do conhecimento produzido na

universidade. Ao tornar públicas nossas reflexões e resultados de pesquisa, ampliamos o alcance das discussões que desenvolvemos e contribuímos para a consolidação de campos de investigação, para o diálogo interdisciplinar e para a formação de novos pesquisadores.

É necessário reconhecer, contudo, que esse processo precisa ser conduzido com cuidado para que não se submeta a uma lógica estritamente produtivista, que privilegia a quantidade de publicações em detrimento de sua qualidade e relevância. A intensificação dessa lógica tem sido amplamente debatida no meio acadêmico, sobretudo por seus efeitos sobre as condições de trabalho docente e sobre o crescente processo de adoecimento no interior das universidades. Assim, a produção científica precisa ser compreendida como parte de um trabalho intelectual que demanda tempo de maturação, reflexão e diálogo, sendo fundamental preservar condições institucionais que permitam que a pesquisa e a escrita se realizem com consistência e responsabilidade acadêmica.

É nessas condições que oriento minha produção bibliográfica, reconhecendo simultaneamente a importância das publicações para a participação no debate científico e para a difusão do conhecimento produzido no interior da universidade, mas também a necessidade de respeitar o tempo próprio da pesquisa e o tempo da vida. Desta forma, procuro garantir uma trajetória de produção bibliográfica contínua e consistente ao longo do tempo.

Nem sempre foi possível atingir plenamente esse objetivo. Em alguns momentos houve redução no ritmo de publicação. Destaco particularmente o período de 2017 a 2022, como pode ser visto no gráfico 1, marcado pelo nascimento de minha segunda filha, o período de licença-maternidade (2017-2018) e as demandas de cuidado que se intensificaram naquele momento. Houve ainda nesse período a pandemia de Covid-19, quando também precisei dedicar atenção à minha filha adolescente.

Essa experiência individual insere-se em um debate mais amplo que tem ganhado visibilidade nas últimas décadas, especialmente a partir das discussões promovidas por iniciativas como o movimento *Parent in Science*, criado em 2016 com o objetivo de discutir os impactos da parentalidade na carreira científica e produzir dados sobre desigualdades de gênero na academia brasileira. Estudos realizados no âmbito desse movimento evidenciam que a maternidade permanece sendo um marcador relevante de desigualdade nas trajetórias acadêmicas, pois incide diretamente sobre a

gestão do tempo, a disponibilidade para pesquisa e as condições de permanência e progressão na carreira.

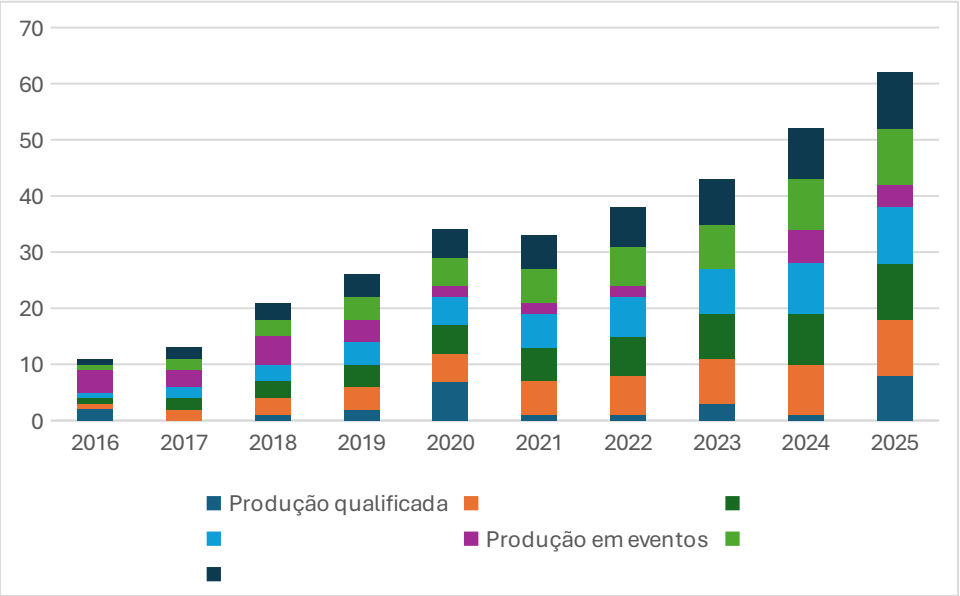
Durante a pandemia de Covid-19 essas desigualdades tornaram-se ainda mais evidentes. O fechamento das escolas, a suspensão de redes de apoio e a intensificação das demandas de cuidado no interior das famílias produziram impactos diretos sobre as condições de trabalho das mulheres com filhos. Finamori e Mata (2023) mostraram em sua pesquisa como mulheres com filhos, especialmente em idade escolar, apresentaram queda significativa na submissão de artigos científicos no período pandêmico, enquanto homens, particularmente aqueles sem responsabilidades diretas de cuidado, mantiveram ou ampliaram seus níveis de produtividade acadêmica. Esses dados evidenciam que a sobreposição entre trabalho acadêmico e trabalho de cuidado incidiu de forma desigual sobre as mulheres, aprofundando assimetrias já existentes no campo científico.

Reflexões recentes sobre maternidade e academia têm igualmente destacado que essas desigualdades não se restringem ao período pandêmico, mas expressam uma tensão estrutural entre as exigências produtivistas da carreira científica e as responsabilidades socialmente atribuídas às mulheres no campo do cuidado. Como argumentam Finamori e Mata, a maternidade atravessa as práticas acadêmicas e os modos de produzir conhecimento, constituindo-se como um marcador social que incide sobre as experiências de formação, trabalho e pesquisa nas instituições universitárias. Nesse sentido, destacam que "é subversiva, e um desafio aberto ao patriarcado, a presença de mulheres mães na universidade, na pesquisa e na ciência", o que torna crucial a construção de estratégias institucionais e redes de apoio que garantam condições mais equitativas de permanência e atuação dessas mulheres no ambiente acadêmico (Finamori; Mata, 2023, p. 13).

Reconhecer essas tensões foi também parte do processo de reflexão sobre minha própria trajetória acadêmica. A redução momentânea do ritmo de produção não se deu por ausência de inserção nas atividades de pesquisa, ensino e gestão universitária, mas por uma reconfiguração necessária das prioridades diante das demandas de cuidado e das condições impostas pelo contexto pandêmico. Ainda assim, procurei manter a continuidade das pesquisas em curso, das orientações e das atividades institucionais, retomando gradativamente o ritmo de produção científica nos anos subsequentes.

O gráfico 1 sintetiza a evolução de minha produção acadêmica entre 2016 e 2025, permitindo observar tanto as oscilações conjunturais quanto a tendência geral de crescimento e consolidação da atividade científica ao longo do período.

Gráfico 1 – Produção bibliográfica (2016 – 2025)



Fonte: currículo Lattes, 2026

A leitura dessa trajetória exige considerar não apenas os números absolutos de produção, mas também os contextos institucionais e pessoais que incidiram diretamente sobre as condições de trabalho acadêmico em determinados momentos. A análise da produção científica ao longo do período de 2016 a 2025 evidencia uma trajetória marcada por continuidade da atividade acadêmica, ainda que atravessada por circunstâncias institucionais e pessoais relevantes que impactaram o ritmo de publicação em determinados momentos.

No início da série (2016), observa-se um nível consistente de produção. Entre 2017 e 2018, verifica-se uma redução no volume de publicações, sobretudo no que se refere à produção qualificada (artigos, livros e capítulos), período que coincide com licença-maternidade, circunstância que implicou afastamento temporário das atividades regulares de pesquisa e publicação. Esse movimento reflete o impacto direto que a interrupção temporária das atividades regulares de pesquisa pode produzir sobre modalidades de produção que dependem de processos mais longos de elaboração, submissão e avaliação. Ainda assim, o registro de participação em eventos científicos nesse período indica que não houve interrupção completa da atividade acadêmica, mas sim uma desaceleração circunstancial, uma vez que permaneci com participação em

eventos científicos e com produção intelectual em menor escala. A retomada da produção ocorre de forma relativamente rápida, já perceptível a partir de 2019.

Entre 2019 e 2022, período em que exerci a coordenação de programa de pós-graduação, a produção científica manteve-se ativa, com destaque para os anos de 2019 e 2020, nos quais se observa crescimento significativo no número de publicações, incluindo artigos, livros e capítulos. O pico de produção qualificada em 2020 é, sobretudo, o reflexo da conclusão de processos iniciados anteriormente.

A coordenação de um programa de pós-graduação envolve um conjunto amplo de responsabilidades administrativas, acadêmicas e institucionais, incluindo gestão de processos de avaliação, organização curricular, acompanhamento de discentes e docentes, além da interlocução com instâncias institucionais e com o sistema nacional de pós-graduação.

Apesar dessa carga de trabalho adicional, observa-se no gráfico a manutenção e até ampliação do ritmo de produção acadêmica nesse período inicial da gestão. Esse resultado indica a continuidade das atividades de pesquisa mesmo em contexto de elevada demanda administrativa e institucional.

A partir de 2020, soma-se a esse cenário o impacto da pandemia de COVID-19, que alterou profundamente as rotinas acadêmicas, intensificando demandas administrativas, pedagógicas e institucionais. Esse período também coincidiu com uma etapa particularmente exigente no âmbito pessoal, uma vez que minha filha tinha três anos de idade, o que implicou conciliar as atividades acadêmicas com cuidados familiares intensificados no contexto do isolamento social e da suspensão de redes regulares de apoio.

Esses fatores ajudam a compreender a redução observada em 2021 e 2022, anos em que o volume de publicações se mostra mais baixo. Esse foi também o período final de minha atuação na coordenação da pós-graduação, momento particularmente exigente em termos de gestão institucional, dada a elaboração do Relatório Sucupira para a avaliação quadrienal.

A diminuição de publicações neste período, portanto, deve ser compreendida, à luz da sobreposição entre dois fatores estruturais: o impacto sistêmico da pandemia, inclusive com a sobrecarga do trabalho reprodutivo e a intensidade das responsabilidades associadas à gestão do programa. Ainda assim, a continuidade da produção científica ao longo do período indica a manutenção das atividades de pesquisa, mesmo diante de condições adversas.

Encerrado o ciclo de coordenação e superado o período mais crítico da pandemia, observa-se a retomada progressiva da produção a partir de 2023, seguida de consolidação em 2024 e culminando em 2025, ano que apresenta o maior volume de publicações da série histórica analisada, com crescimento simultâneo em diferentes modalidades de produção (artigos, livros e capítulos). Esse movimento pode ser interpretado como resultado da maturação de projetos de pesquisa desenvolvidos ao longo dos anos anteriores, bem como da retomada plena das atividades acadêmicas presenciais e da circulação científica após o período pandêmico.

Considerando o conjunto, nota-se que minha trajetória de publicações não segue uma progressão linear contínua, mas apresenta variações claramente associadas a contextos estruturais específicos: a licença-maternidade, o período da pandemia e a assunção de cargos de gestão acadêmica. Apesar dessas circunstâncias, a produção mantém continuidade ao longo de todo o período e demonstra capacidade de recuperação e expansão, especialmente no ciclo mais recente.

Essa trajetória pode ser lida a partir de quatro chaves: a relativa capacidade de manter e ampliar a produção após as duas interrupções, a continuidade da atividade intelectual mesmo em contextos adversos e a procura por consolidar as pesquisas e a produção coletiva com outros pesquisadores e pesquisadoras e a incorporação de orientandos e orientandas nos processos de escrita e elaboração dos textos, conforme sugere o quadro 6.

Quadro 6 - Distribuição da produção acadêmica segundo modalidade de autoria (2017-2026)

Categoria de produção	Individual	Em coautoria	Total
Produção qualificada (artigos, livro e capítulos)	10	17	27
Produção em eventos (anais completos e resumos)	3	32	35
Total geral	**13**	**49**	**62**

A produção apresentada caracteriza-se majoritariamente pela coautoria, resultado tanto da colaboração com outros pesquisadores quanto da incorporação de estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado nos processos de investigação e

escrita acadêmica, priorizando a circulação de pesquisas em estágio de desenvolvimento.

Tal prática reflete uma compreensão da pesquisa como atividade coletiva e formativa, na qual a publicação também se constitui como espaço de aprendizagem do ofício científico. Nesse sentido, parte expressiva da produção em eventos está vinculada à participação discente em projetos de pesquisa e extensão, funcionando como etapa inicial de circulação e amadurecimento das investigações, algumas posteriormente convertidas em trabalhos de conclusão de curso, artigos e capítulos de livro.

Assim, a predominância de trabalhos em coautoria deve ser compreendida à luz da articulação entre produção científica e formação de recursos humanos, dimensão central da atuação docente em programas de pós-graduação. A produção conjunta com orientandos não apenas contribui para a difusão dos resultados das pesquisas desenvolvidas sob minha supervisão, mas também constitui parte integrante do processo de formação acadêmica, no qual a elaboração de textos científicos, a participação em eventos e a publicação de resultados são etapas fundamentais.

Dessa forma, o quadro evidencia uma trajetória em que a produção científica se desenvolve de maneira estreitamente vinculada às atividades de orientação, formação e consolidação de linhas de pesquisa, articulando investigação individual e trabalho coletivo. A presença simultânea de produção individual e produção em coautoria indica, portanto, tanto a manutenção de uma agenda própria de pesquisa quanto o compromisso com a formação de novos pesquisadores e com a construção coletiva do conhecimento no âmbito das atividades de ensino e pesquisa universitária.

6.7.1. Temáticas

O quadro 7 retrata os títulos referentes a minha produção qualificada. Nota-se, pelas publicações sintetizadas no quadro, que, ao longo de minha trajetória, a produção bibliográfica foi se organizando em torno de três eixos principais que, progressivamente, estruturaram minha agenda de pesquisa. Esses eixos foram se delineando a partir dos diferentes projetos, orientações e experiências de pesquisa, ensino e extensão.

Quadro 7 – Produção por ano, tipo, título e autoria

Ano	Tipo	Título da Obra	Autoria
2026	Artigo	Metodologias participativas com juventudes: construindo caminhos para investigar práticas socioespaciais a partir da ocupação do viaduto Hélio Fadel (JF/MG)	Coletiva
2025	Artigo	“Territorialidades do devir” de jovens funkeiros no baixo centro de BH	Coletiva
2025	Artigo	Práticas espaciais e grafias da juventude no espaço: Inventário dos graffitis em Juiz de Fora	Individual
2025	Artigo	Ação extensionista e prática dialógica na valorização da cidade... (projeto ágora)	Coletiva
2025	Artigo	“Vai faz o passinho, vai faz o passinho malado” Juventude funkeira e corporeidade...	Coletiva
2025	Artigo	A importância da extensão universitária na difusão da política de cotas: o Se liga nas Cotas!	Coletiva
2025	Artigo	Trajetórias socioespaciais de jovens escolares negros	Coletiva
2025	Capítulo	Juventudes na cidade: uma experiência com o movimento hip-hop em JF	Individual
2025	Capítulo	O projeto Se liga nas cotas!: relato de uma experiência extensionista	Coletiva
2024	Artigo	Jovens cotistas e espaço: a juventude como direito	Coletiva
2023	Artigo	Imagens E Narrativas: Metodologia Para Pesquisa Sobre Juventudes E Cidade	Individual
2023	Artigo	Os espaços livres de uso coletivo integrados a edifícios privados...	Coletiva
2023	Capítulo	Pensando juventudes e cidade a partir da experiência de jovens cotistas	Individual
2022	Capítulo	Habitar a cidade? Experiências de mobilidade de moradores de um conjunto habitacional	Coletiva
2021	Capítulo	"Cidade estranha, sabes que existo?" O jovem como sujeito e a cidade que ensina	Individual

2020	Artigo	Expansão urbana e desigualdade socioespacial em Juiz de Fora (Vila Barroso)	Coletiva
2020	Artigo	A ação do capital imobiliário no MCMV em Petrópolis-RJ	Coletiva
2020	Artigo	Sujeitos e saberes na formação do professor de geografia no PIBID	Coletiva
2020	Artigo	'Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui': desigualdade e solidariedade...	Coletiva
2020	Livro	Jovens e território: impasses da política habitacional	Coletiva
2020	Capítulo	Cidades também para mulheres: uma perspectiva generificada do espaço	Individual
2020	Capítulo	O imperativo do gozo em um mundo de incertezas: ser jovem em conjunto periférico	Individual
2019	Artigo	O lazer, a periferia e os jovens: relações para discutir o crescimento pentecostal	Coletiva
2019	Artigo	O conforto térmico como dimensão do habitar em conjuntos habitacionais	Coletiva
2018	Artigo	Condição juvenil em tempo de incerteza: experiência em grande empreendimento	Individual
2016	Artigo	Representações na mídia da juventude e a produção do medo	Coletiva
2016	Capítulo	Os jovens e suas mediações espaço temporal: a cidade e os projetos de vida	Individual

O primeiro eixo, Juventudes, cidade e práticas espaciais juvenis, é o núcleo mais consistente de minha trajetória investigativa. Nele busco compreender as experiências juvenis na cidade, com atenção especial às práticas espaciais, às culturas urbanas e às formas pelas quais os jovens produzem, significam e disputam o espaço urbano. Muitas das publicações associadas a esse eixo nasceram diretamente do processo de orientação de estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado, cujas pesquisas, uma vez amadurecidas, deram origem a artigos e capítulos de livros elaborados em coautoria.

Entre os trabalhos mais recentes destacam-se *Trajetórias socioespaciais de jovens escolares negros* (2025), *Territorialidades do devir de jovens funkeiros no baixo centro de Belo Horizonte* (2025), *"Vai faz o passinho": juventude funkeira e corporeidade em Belo Horizonte* (2025), *Práticas espaciais e grafias da juventude no espaço* (2025), *Imagens e narrativas: metodologia para pesquisa sobre juventudes e cidade* (2023) e *Condição juvenil em tempo de incerteza* (2018). Entre os capítulos de livro, esse eixo também se expressa em reflexões como *Juventudes na cidade: uma experiência de pesquisa com o movimento hip-hop em Juiz de Fora* (2025), *Pensando juventudes e cidade a partir da experiência de jovens cotistas* (2023), *O jovem como sujeito e a cidade que ensina* (2021) e *O imperativo do gozo em um mundo de incertezas* (2020). Essas publicações mostram em conjunto a consolidação de uma linha de investigação sobre juventudes e cidade, desenvolvida em diálogo permanente com a formação de estudantes.

Um segundo eixo reúne trabalhos voltados à análise das relações entre produção do espaço urbano, políticas habitacionais e desigualdades socioespaciais. Assim como no eixo anterior, parte significativa dessa produção deriva de pesquisas desenvolvidas no âmbito das orientações, posteriormente transformadas em artigos científicos.

Entre os trabalhos que integram esse conjunto estão *Expansão urbana e desigualdade socioespacial em Juiz de Fora* (2020), *Espaços livres de uso coletivo integrados a edifícios privados* (2023), *A ação do capital imobiliário no Programa Minha Casa Minha Vida* (2020), *Conforto térmico como dimensão do habitar em conjuntos habitacionais* (2019) e *"Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui": desigualdade e solidariedade nas periferias brasileiras* (2020). O livro *Jovens e território: impasses da política habitacional* (2019) representa uma síntese importante dessa agenda, ao articular discussões sobre juventude, políticas públicas e produção do espaço urbano. Também se inserem nesse eixo capítulos como *Habitar a cidade? Experiências de mobilidade e circulação de moradores de um conjunto habitacional* (2022) e *Cidades também para mulheres: uma perspectiva generificada do espaço* (2020). Esses trabalhos resultam de investigações empíricas sobre habitação, desigualdade urbana e experiências cotidianas da cidade, dialogando diretamente com o campo da geografia urbana.

Um terceiro eixo reúne reflexões que articulam pesquisa, formação e extensão universitária, discutindo práticas pedagógicas, formação docente e experiências extensionistas voltadas tanto à juventude quanto à produção da cidade. Entre as

publicações associadas a esse campo destacam-se *Ação extensionista e prática dialógica na valorização da cidade como problema público* (2025), *Sujeitos e saberes na formação do professor de geografia no PIBID* (2020), *A importância da extensão universitária na difusão da política de cotas: a experiência do "Se liga nas Cotas*" (2025) e o projeto *Se Liga nas Cotas!: relato de uma experiência extensionista* (2025). Esses trabalhos procuram sistematizar experiências desenvolvidas na interface entre universidade e sociedade, refletindo sobre os sentidos formativos da extensão.

A participação em eventos científicos também desempenha um papel importante na dinâmica dessa produção. Em muitos casos, os trabalhos apresentados correspondem às primeiras formulações de pesquisas, funcionando como espaços de debate e amadurecimento das investigações. Ao mesmo tempo, os eventos constituem momentos fundamentais na formação dos estudantes, permitindo que apresentem seus resultados, dialoguem com outros pesquisadores e se insiram em redes acadêmicas.

Tomado em conjunto, esse percurso de produção buscou consolidar uma agenda de pesquisa centrada nas relações entre juventudes, cidade e desigualdades urbanas, sempre articulada ao processo de formação de estudantes e à circulação do conhecimento produzido nas pesquisas que coordeno. É uma trajetória em que investigação, orientação e debate acadêmico se entrelaçam, contribuindo não apenas para o avanço das reflexões na geografia, mas também para a formação de novos pesquisadores.

7. Demais atividades:

Entre as diversas atividades que desempenhei ao longo de minha trajetória na universidade, algumas se destacam por expressarem de forma mais significativa meus interesses e escolhas acadêmicas.

A primeira delas é a proposição e coordenação, junto com pesquisadores da Geografia das Juventudes, de outras instituições, do Grupo de Trabalho Juventudes em suas espacialidades: diferenças, diversidades e desigualdades, durante o XIV e o XV Encontro Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Geografia.

O GT é um espaço proposto por pesquisadores da Geografia das Juventudes de cinco instituições (UFJF, UERJ, UNESP, UFF e UFRGS) e tem como propósito reunir pesquisas em geografia que tematizam as juventudes e que realizam um esforço teórico,

empírico e metodológico para constituir esse campo como tema de interesse geográfico. Busca-se, assim, levar ao debate em um dos mais importantes eventos da pós-graduação em Geografia a discussão sobre as juventudes e o reconhecimento dos jovens como sujeitos sociais produtores do espaço.

Nessa mesma perspectiva participei da proposição e coordenação do Espaço de Socialização de Coletivos durante o VIII Congresso Brasileiro de Geógrafas e Geógrafos. O ESC pretendeu ser um espaço de partilha empírica, teórica e metodológica sobre as juventudes também visando consolidar este como tema de interesse geográfico. O Espaço de Socialização de Coletivos reuniu pesquisas, ações extensionistas, políticas, organizativas, formativas e experiências diversas que tinham como elemento comum a manifestação das práticas espaciais das juventudes.

Além desses espaços, destaco a participação em eventos compondo mesas-redondas e proferindo palestras cujo tema se articulava ao subcampo da Geografia das Juventudes. Além de aulas em cursos de extensão e disciplinas de pós-graduação que tratavam do tema das juventudes. Também destaco minha participação como representante da UFJF no Conselho Municipal de Juventude.

Mais recentemente coordenei três projetos de iniciação artística no âmbito do PIBIART. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artística da Universidade Federal de Juiz de Fora é um programa de bolsas voltado ao desenvolvimento de projetos artístico-culturais propostos por estudantes de graduação. Tem como objetivos incentivar a produção artística dos alunos, institucionalizar e apoiar atividades artístico-culturais dentro da UFJF, qualificar graduandos na área cultural e promover a disseminação da produção artística tanto na universidade quanto junto à comunidade externa. Ele representa uma importante oportunidade para que estudantes aprofundem experiências criativas, ampliem sua formação acadêmica e dialoguem com a sociedade por meio da arte, integrando formação prática, pesquisa e ação cultural.

Minha atuação no programa se deu através da orientação de três projetos: *Muros e murais: arte urbana e pertencimento*, *Ruas que falam: a presença das juventudes nas expressões artísticas urbanas* e *Montadas em Memória: A Arte Drag como Expressão cultural*. Todos os projetos têm como foco as expressões artísticas produzidas pela juventude.

Por fim, as bancas de defesa de trabalhos de conclusão de curso de graduação, mestrado e doutorado. Minha participação em bancas de mestrado e doutorado tem sido, para mim, muito mais do que um exercício formal de avaliação: é um espaço de

encontro com trajetórias, experiências e olhares sobre os jovens e o espaço urbano. Em cada trabalho, surgem questões que atravessam a vida cotidiana dos jovens, suas práticas culturais, suas estratégias de apropriação do território e os modos como se constituem como sujeitos sociais. Ao dialogar com pesquisas sobre hip-hop, *slam*, grafite, mobilidade, lazer ou territorialidades juvenis, percebo o esforço dos estudantes em dar voz e visibilidade às experiências urbanas muitas vezes invisibilizadas, e, ao mesmo tempo, reencontro e revisito minhas próprias inquietações acadêmicas e políticas.

A participação nessas bancas também permite observar a diversidade de perspectivas e metodologias que os estudantes adotam para compreender a juventude enquanto sujeito social e agente de apropriação do urbano. Nesse sentido, as bancas tornam-se parte integrante da construção de um campo de investigação que articula ensino, pesquisa e extensão: fortalecem o compromisso com uma Geografia das Juventudes que reconhece os jovens como produtores ativos de conhecimento, cultura e território, ao mesmo tempo em que nutrem minha própria reflexão.

Sétimo momento: a Geografia das Juventudes

Se olho para trás e tento identificar quando, exatamente, as juventudes se tornaram o centro de minhas inquietações intelectuais, percebo que não houve um momento único de ruptura. O que houve foi um processo. Um deslocamento gradual de olhar que foi sendo produzido pelas experiências que atravessaram minha trajetória e pelos encontros que marcaram meu percurso acadêmico e político.

Hoje reconheço que as juventudes chegaram até mim antes mesmo de eu nomeá-las como objeto de reflexão geográfica. Elas estavam presentes quando, ainda muito jovem, observava o papel que alguns professores desempenhavam na formação de nossos horizontes de mundo. Estavam na minha experiência como estudante, quando compreendi que a universidade não era apenas um espaço de formação técnica, mas um território de disputa política, construção de consciência e elaboração de projetos coletivos.

Nesse percurso inicial, também foi decisiva a influência de minha família. Foi por meio da professora Maria Aparecida Tardin Cassab, minha mãe, e do trabalho no projeto Território de Oportunidades, que me aproximei de forma mais direta das juventudes e de suas práticas espaciais. O exemplo dela, junto ao de meu pai, educador

popular e professor da Faculdade de Educação, ensinou-me desde cedo que ensinar e se engajar socialmente é também participar da formação de sujeitos críticos, capazes de transformar o mundo, e que a universidade possui um papel fundamental nesse processo.

Mais tarde, as juventudes voltariam a aparecer em outro registro, quando, no CEPIS e nas experiências com movimentos sociais, pude observar como jovens trabalhadores e moradores das periferias urbanas organizavam suas práticas de luta, seus modos de viver a cidade e suas formas de ação política. Ali já se desenhava uma questão que, naquele momento, eu ainda não formulava plenamente: a de que as juventudes não eram apenas uma categoria etária, mas sujeitos sociais que produzem espaço, constroem territorialidades e elaboram leituras próprias da cidade.

Posteriormente, a experiência no projeto Território de Oportunidades, já na Universidade Federal de Juiz de Fora, foi talvez o primeiro momento em que essa intuição ganhou forma mais nítida. Ao trabalhar com jovens moradores dos bairros do entorno da universidade, acompanhando suas leituras da cidade, suas trajetórias e suas expectativas de futuro, comecei a perceber com mais clareza como a experiência juvenil está profundamente atravessada pelas condições espaciais da vida urbana. A cidade aparecia ali não apenas como cenário, mas como condição concreta de possibilidade, ou de limite, para a realização de projetos de vida. Foi ali também que, pela primeira vez, compreendi com maior clareza que as juventudes não eram apenas uma categoria demográfica ou uma etapa da vida, mas sujeitos que produzem espacialidades próprias, constroem leituras do mundo e elaboram formas específicas de ação social.

Foi essa percepção que orientou minha pesquisa de doutorado e consolidou uma inflexão mais nítida em meu percurso intelectual. Ao investigar as relações entre jovens, cidade e política, passei a compreender de maneira mais sistemática aquilo que as experiências anteriores já insinuavam: o espaço não é apenas o cenário das práticas juvenis, mas uma dimensão constitutiva da própria experiência de ser jovem. A forma como os jovens circulam, ocupam, disputam e ressignificam a cidade revela não apenas desigualdades estruturais, mas também repertórios criativos de ação, pertencimento e resistência. Nesse sentido, a cidade se apresenta como um campo privilegiado para compreender as possibilidades e os limites da realização das juventudes contemporâneas.

Durante meu doutoramento, alguns encontros acadêmicos reafirmaram essa escolha. Ainda na fase inicial de reelaboração do projeto de tese, numa banca de

Seminário Temático, recordo-me do professor Ruy Moreira dizendo: “espero que você não abandone os jovens”. Anos depois, já após a defesa, meu orientador Jorge me confidenciou que aquela pesquisa havia aberto um novo caminho na geografia brasileira, prenunciando aquilo que, mais tarde, identificaríamos como Geografia das Juventudes. Guardo essas palavras como um fio delicado que percorre minha trajetória, lembrando-me continuamente de que meu compromisso com os jovens não é apenas acadêmico, mas também ético e afetivo.

Foi nesse movimento que começou a se desenhar a Geografia das juventudes como um subcampo que busca compreender as juventudes não apenas como sujeitos sociais definidos por critérios etários ou geracionais, mas como atores que produzem espacialidades específicas. Trata-se de um subcampo relativamente recente dentro da geografia brasileira, que procura compreender as juventudes a partir de suas práticas espaciais, de suas territorialidades e das múltiplas formas pelas quais os jovens produzem, vivenciam e disputam o espaço.

Ao deslocar o olhar das juventudes apenas como objeto de políticas públicas ou como fase de transição biográfica, esse subcampo as reconhece como sujeitos sociais ativos, capazes de produzir espacialidades, significados e formas de ação que interferem na dinâmica urbana e social. Assim, ao direcionar o foco para as práticas espaciais juvenis, esse campo analítico permite compreender a juventude como uma categoria relacional e territorialmente situada. Jovens não existem em abstrato: suas experiências são moldadas por desigualdades sociais, raciais e de gênero, mas também pelas condições concretas de circulação, acesso, permanência e reconhecimento nos espaços da cidade.

Esse enfoque dialogava profundamente com as questões que já atravessavam minha trajetória intelectual: a centralidade do conflito na produção do espaço urbano, as disputas pelo direito à cidade e as formas pelas quais diferentes sujeitos sociais constroem práticas de resistência e reinvenção da vida urbana.

Ao longo do tempo, minha carreira docente passou a se estruturar em torno do esforço de consolidar essa agenda de investigação. Minhas atividades de ensino, pesquisa e extensão foram progressivamente articuladas em torno de um mesmo horizonte analítico: compreender de que modo as juventudes produzem, disputam e significam o espaço em diferentes contextos sociais e urbanos.

A criação do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFJF teve papel decisivo nesse processo. Participei do primeiro grupo de docentes doutores do

programa, o que permitiu atuar desde o início na sua estruturação, na definição de linhas de pesquisa e na formação de mestrandos e, atualmente, doutorandos. Esse ambiente institucional tornou possível articular de forma mais consistente a produção de conhecimento, a formação acadêmica e o diálogo com a sociedade.

Assim, hoje afirmo que trabalhar com geografia das juventudes não constitui uma escolha temática ocasional. Trata-se da convergência de diferentes fios que foram sendo tecidos ao longo do tempo. A militância em movimentos sociais me ensinou que a cidade é um campo de disputas. A experiência na educação popular me ensinou a escutar. A extensão universitária me ensinou que o conhecimento se produz no encontro com os sujeitos concretos da vida social. A pesquisa acadêmica me ofereceu os instrumentos teóricos e metodológicos para compreender esses processos com rigor. Foi no cruzamento dessas experiências que as juventudes se consolidaram como eixo estruturante de minha agenda de pesquisa, de minha prática de ensino e de minhas ações de extensão.

Essa escolha também redefiniu meu modo de olhar para a universidade e para a formação de novos geógrafos. Ao criar a disciplina *Geografia das Juventudes* no curso de graduação da UFJF, meu objetivo não era apenas apresentar um novo campo de estudos. O que me movia era a convicção de que não é possível formar professores de geografia sem que eles compreendam quem são os jovens com quem irão dialogar nas escolas e nas cidades.

Esse movimento também foi fortalecido pelo diálogo com outros pesquisadores e pesquisadoras que têm contribuído para ampliar a densidade teórica e empírica desse subcampo na Geografia brasileira, entre eles Nécio Turra Neto (Unesp), Victor Nedel (UFRGS), Mário Pires Simão (UERJ), Ana Carolina dos Santos Marques (UnB), Célio José dos Santos (IF Baiano) e Jorge Luiz Barbosa (UFF). As pesquisas, orientações e projetos desenvolvidos por esse conjunto de geógrafas e geógrafos têm contribuído para consolidar a geografia das juventudes como um campo em expansão.

A convivência com estudantes, orientandos e jovens participantes desses projetos tem sido igualmente formadora. Suas inquietações, descobertas e trajetórias continuam alimentando minha práxis. Nesse sentido, a geografia das juventudes tornou-se, em minha trajetória, mais do que um tema de investigação. Ela passou a constituir um modo de olhar o mundo. Um modo de perceber que as cidades são também feitas pelas práticas cotidianas juvenis. Dos jovens que ocupam praças, produzem música,

grafite, dança, trabalham, estudam, fazem política e pelas suas múltiplas formas de existência que desafiam os limites que lhes são impostos.

Talvez por isso esse campo de estudos tenha se tornado, para mim, um espaço tão fértil de investigação. Porque nele reencontro muitas das perguntas que sempre me acompanharam: quem pode ocupar a cidade? quem pode circular por ela? quem pode produzir sentido e pertencimento nos seus espaços?

Ao longo dos anos, essas perguntas passaram a direcionar minhas pesquisas, minhas orientações e minhas ações extensionistas. Ao mesmo tempo, elas continuam sendo alimentadas pelo contato permanente com os estudantes, com os jovens das escolas e com aqueles que participam dos projetos que desenvolvemos.

Se este memorial busca mostrar como uma trajetória se constrói a partir de encontros, posso afirmar que as juventudes foram, e continuam sendo, um dos encontros mais transformadores de minha vida acadêmica. São elas que sempre me lembram que a cidade está sempre em movimento e que compreender suas transformações exige olhar com atenção para aqueles que, muitas vezes, aparecem apenas nas margens das análises.

Foi nesse diálogo, entre juventudes, cidade e geografia, que encontrei um dos lugares mais potentes para seguir pensando o espaço e suas disputas.

Oitavo momento: próximos movimentos

Chegar à titularidade neste momento de minha trajetória não é um ponto de chegada definitivo ou uma pausa no caminho. Ao contrário, sinto que este momento reafirma responsabilidades que sempre orientaram minha prática: o compromisso com a educação pública, com a geografia, com a universidade pública e, sobretudo, com as juventudes. Mais do que um encerramento, a titularidade marca um novo tempo de trabalho e de cuidado com aquilo que venho construindo ao longo dos anos.

Entre os desafios que se colocam para os próximos anos está o fortalecimento das redes de pesquisadores e pesquisadoras que têm se dedicado aos estudos das juventudes na geografia brasileira. Trata-se de um campo ainda em consolidação, que depende do diálogo permanente entre diferentes trajetórias, instituições e experiências de pesquisa. Nesse sentido, temos nos movimentado para fortalecer o Seminário de Pesquisa sobre Juventudes na Geografia Brasileira, concebido como um espaço de encontro, troca e articulação entre geógrafas e geógrafos que buscam compreender, a partir das categorias e conceitos da geografia, as práticas espaciais das juventudes.

Mais do que um evento isolado, a intenção é ampliar esse movimento, fazendo com que a Geografia das Juventudes circule com maior intensidade nos principais encontros da Geografia brasileira. Seja por meio da apresentação de trabalhos, da proposição de grupos de trabalho ou da criação de espaços específicos de debate, o objetivo é contribuir para que esse subcampo ganhe maior visibilidade, densidade teórica e capacidade de diálogo com outras agendas de pesquisa da disciplina.

Ainda no esforço de construção de redes, um investimento importante neste momento tem sido a criação e consolidação da REJUPE – Rede de Estudos sobre Juventudes e suas Práticas Espaciais, iniciativa que nasce como desdobramento de um projeto de pesquisa atualmente financiado pelo CNPq. A REJUPE busca constituir-se como um espaço de articulação entre pesquisadores e pesquisadoras interessados em compreender as juventudes a partir de suas relações com o espaço. Hoje, a rede reúne pesquisadores de instituições federais brasileiras e tem desenvolvido investigações em diferentes contextos urbanos, da metrópole às cidades médias e pequenas, permitindo ampliar comparações, metodologias e perspectivas analíticas.

No campo da formação acadêmica, a aprovação recente do curso de doutorado em geografia na UFJF abre um novo horizonte de atuação. A possibilidade de orientar pesquisas de doutorado completa um percurso formativo que começa na graduação, passa pelo mestrado e agora se estende ao mais alto nível da formação universitária. Trata-se de um momento particularmente significativo, pois amplia as possibilidades de formar pesquisadores capazes de desenvolver e multiplicar investigações no campo da geografia das juventudes, contribuindo para sua continuidade e expansão.

Ao mesmo tempo, sinto que se aproxima o momento de aprofundar minha própria agenda de pesquisa. Nesse sentido, projeto fazer um pós-doutorado a partir de 2027. Esse passo reúne, de um lado, o amadurecimento das pesquisas que venho desenvolvendo e, de outro, um momento da vida pessoal que permite dedicar tempo e energia a um mergulho mais concentrado em questões teóricas e empíricas que me mobilizam.

Os projetos de futuro não se colocam separados do cotidiano da vida universitária. Ao contrário, permanecem profundamente vinculados às múltiplas dimensões que constituem o trabalho docente na universidade pública: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a participação em tarefas administrativas e de gestão, e a busca permanente por uma inserção social qualificada da universidade na sociedade.

Tenho ainda vários anos de caminhada institucional pela frente. Até lá, desejo continuar contribuindo, de diferentes maneiras, para o curso de geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Desejo ter participado da formação de muitos estudantes, futuros professores, pesquisadores, profissionais que seguirão levando a geografia para escolas, universidades e diferentes espaços da vida social. Desejo também que, de alguma forma, o trabalho que realizo tenha permitido que jovens desta cidade enxerguem na universidade pública um caminho possível.

Desejo ao final dessa trajetória olhar para trás e reconhecer que contribuí para consolidar a geografia das juventudes como um campo fértil de investigação e formação. E espero, no futuro, ter a serenidade para reconhecer o tempo de encerrar meu ciclo, abrindo espaço para os que virão, porque a universidade, assim como as cidades e as juventudes que a atravessam, vive precisamente da renovação contínua de suas gerações.

Uma última palavra:

Escrever este memorial foi, em muitos sentidos, um exercício de retorno. Um mergulho em mim mesma, mas também um percurso de reencontros. Ao revisitar caminhos, escolhas e experiências que marcaram minha trajetória, percebo que nenhuma delas foi construída de forma solitária. Cada etapa deste percurso foi atravessada por pessoas, encontros e afetos que, de diferentes maneiras, deixaram marcas profundas na forma como me tornei professora, pesquisadora e sujeito no mundo.

Revisitar essa trajetória é também reencontrar aqueles que já partiram, mas que permanecem presentes naquilo que seguimos sendo. Penso em meu pai, professor Paulo Roberto Curvelo Lopes, cuja vida dedicada à educação foi uma das primeiras referências que tive do que significa ensinar e formar pessoas. Penso também em meu primeiro orientador, Mauricio de Almeida Abreu, cuja generosidade intelectual e rigor acadêmico deixaram uma marca profunda em minha formação. E lembro com saudade de meu amigo, o professor Leonardo Carneiro, cuja presença continua viva na memória daqueles que tiveram o privilégio de partilhar com ele a vida e a universidade.

Escrever um memorial é também um momento de reconhecimento. Ao longo dessa trajetória, muitas pessoas abriram caminhos, ofereceram apoio ou compartilharam comigo o cotidiano da vida acadêmica. Professores e professoras que ampliaram

horizontes, colegas com quem compartilho o cotidiano da universidade e a tarefa coletiva de construir conhecimento, e estudantes que, com suas perguntas, inquietações e descobertas, renovam continuamente o sentido do trabalho docente.

Aos amigos e amigas deixo também um agradecimento especial. A amizade tem sido, ao longo dessa trajetória, um espaço de respiro, de escuta e de partilha. Com eles compartilho a alegria de saber que nenhum percurso precisa ser atravessado sozinho. Em muitos momentos, foram esses laços de amizade que lembraram que a vida universitária só faz sentido quando permanece ligada à vida vivida fora de seus portões.

Agradeço de maneira muito especial à minha família. À minha mãe e ao meu pai, cuja presença e exemplo atravessam toda a minha trajetória, ensinando-me, desde cedo, o valor da educação e do compromisso com o outro. Às minhas filhas, que dão sentido e horizonte à vida para além da universidade, lembrando-me diariamente da beleza e da responsabilidade de construir um mundo justo para as próximas gerações. E aos meus irmãos, companheiros de caminhada e de memória, com quem compartilho histórias, raízes e afetos que sustentam quem sou.

Registro, de modo especial, minha gratidão ao Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora, espaço onde grande parte desta trajetória foi construída. Foi ali que encontrei amigos, colegas, estudantes e parceiros de trabalho com quem tive a oportunidade de aprender, ensinar, pesquisar e sonhar projetos coletivos.

Agradeço a todos os que fizeram e fazem parte do NuGea. Mais do que um grupo de pesquisa, ele se tornou um espaço de convivência intelectual, onde ideias, inquietações e afetos se entrelaçam na construção de um modo compartilhado de pensar a geografia.

Agradeço ainda aos que, mesmo em tempos adversos, seguem defendendo a universidade pública como um espaço de produção de conhecimento, de formação crítica e de compromisso com a sociedade. São pessoas que todos os dias reafirmam que escolher a universidade pública é também escolher um modo de estar no mundo: um modo que se orienta pela responsabilidade com o outro e pela esperança na transformação social.

Ao concluir estas páginas, retorno à ideia que abriu esta narrativa, inspirada em Norbert Elias: a de que nenhum indivíduo se constitui isoladamente. Desde o nascimento somos inseridos em uma rede complexa de relações que moldam nossas experiências, escolhas e possibilidades de ação. Se este memorial procurou reconstruir

uma trajetória, ele também evidencia algo mais fundamental: esse percurso nunca foi apenas meu. Cada etapa aqui narrada foi atravessada por encontros, afetos, instituições, estudantes, colegas, amigos e familiares que, de diferentes maneiras, contribuíram para formar a pessoa e a professora que me tornei.

Escrever um memorial é, em grande medida, um exercício de escolha. Contar uma trajetória implica decidir o que lembrar entre tantas experiências, encontros e caminhos que compõem uma vida dedicada à universidade. As páginas que apresentei são apenas um recorte possível dessa história, marcada por aprendizagens, descobertas e relações que deram sentido ao meu percurso.

Assim como a cidade é produzida por múltiplos sujeitos cujas práticas se entrelaçam no espaço, também uma vida acadêmica se constrói no encontro com outras vidas. O que aparece neste memorial é, portanto, apenas um dos fios de uma trama muito mais ampla, tecida coletivamente ao longo do tempo. Reconhecer isso significa compreender que uma trajetória profissional não se desenvolve como uma linha isolada, mas como parte de um tecido social no qual diferentes existências se cruzam, se afetam e se transformam mutuamente.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa caminhada, deixo aqui meu sincero agradecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSAB, Clarice. Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (org.). *A cidade e seus jovens*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.

CASSAB, Clarice; BATELLA, Wagner. Ação extensionista e prática dialógica na valorização da cidade como problema público: reflexões a partir do projeto Ágora: cidade e política em Juiz de Fora – MG. *Revista de Extensão da UFJF*, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 1–18, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/rext/article/view/30092. Acesso em: 15 mar. 2026.

CASSAB, C.; BERG, L. A. ; GABRIEL, I. . O projeto Se liga nas cotas!: relato de uma experiência extensionista. In: Julvan Moreira de Oliveira. (Org.). A política de Ações Afirmativas: cotas e heteroidentificação. 1ed.Maceió: Café com Sociologia, 2025.

CASSAB, C; OLIVEIRA, G. L. de e MOREIRA, P. V. Jovens mudando a cidade. O uso do sistema de informação geográfica no entendimento das relações espaciais: experiência em Juiz de Fora. In. CASSAB, M. A. T. (org) *Para construir espaços solidários*: uma metodologia de trabalho com jovens. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

CASSAB, M. A. T. e PORTELLA, M. C. R. O projeto UFJF: Território de oportunidades. In. CASSAB, M. A. T. (org) Para construir espaços solidários: uma metodologia de trabalho com jovens. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FINAMORI, Sabrina; MATA, Gisele Camilo da. Maternidades e academia: experiências analíticas e políticas. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, Naviraí, v. 10, n. 24, p. 6–21, jul./set. 2023.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Política Nacional de Extensão. Manaus – AM, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Análise das pesquisas sobre juventudes na pós-graduação da Geografia brasileira. Revista de Geografia (Recife), Recife, v. 40, n. 3, p. 100–118, 2023. DOI: https://doi.org/10.51359/2238-6211.2023.259381

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SÁNCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó: Argos, 2010.

VAINER, C. "Pátria, Empresa e Mercadoria: Notas sobre a Estratégica Discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In Arantes, O.; Vainer, C.; Maricato, E. A Cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

Fala de Apresentação: Memorial Acadêmico

Professora Clarice Cassab

Defesa para Promoção à Classe de Professora Titular – UFJF - 11 de maio de 2026

Boa tarde a todas as pessoas aqui presentes. Familiares, amigos, alunos, colegas, presentes no ambiente físico e virtual. Boa tarde, aos membros desta Comissão Especial de Avaliação. Quero iniciar expressando meu mais profundo agradecimento pela presença, pela leitura atenta do meu memorial e pela generosidade de partilharem comigo este rito de passagem tão singular.

Queria começar dizendo que este momento não é apenas um protocolo necessário para alçar a classe de titular, nível mais elevado de nossa carreira, e resultado também da luta docente. Este é também um momento de celebração. Celebração não apenas da minha trajetória, mas principalmente celebração coletiva da Universidade Pública e de sua importância social. É um momento que revela um trabalho que, longe de ser individual, é sobretudo coletivo.

Desta forma, olhar para a própria história não é apenas um exercício de memória ou de contabilidade acadêmica. É, sobretudo, um exercício de costura e de revelação. É tentar compreender como os fios do acaso, das conjunturas políticas, dos encontros afetivos e das escolhas teceram a mulher, a mãe, a professora e a pesquisadora que chega aqui e agora até este momento. Este memorial não é apenas um relato de fatos e datas, mas uma narrativa de uma trajetória que se teceu nos encontros e desencontros da vida, nos caminhos que escolhi e naqueles que me foram apresentados e que se encontraram na universidade pública.

Por esse motivo, uma convicção me guiou desde a primeira linha dessa escrita: nenhuma trajetória é, ou poderia ser, exclusivamente individual. A gente não caminha só.

Nós nascemos e nos fazemos em uma teia de relações. Como nos ensina Norbert Elias, nós somos formados por um tecido de interdependências, pelas dinâmicas culturais, históricas e, acrescentaria, espaciais que nos precedem e nos atravessam.

O que trago aqui hoje não é o mito do indivíduo isolado. Ao contrário. Esta narrativa é o registro histórico e afetivo de como a minha experiência pessoal se misturou aos processos coletivos do Brasil contemporâneo.

Entrando no **Primeiro Momento** do meu memorial, eu retorno às minhas raízes: o despertar da universidade como um horizonte possível.

Eu tive, na minha vida, o imenso privilégio de crescer em uma casa habitada por professores, por educadores. A educação, nesta casa, não era apenas um ofício dos meus pais; era a atmosfera da nossa casa. Ela estava presente nas nossas vidas. Por isso, a universidade pública nunca me pareceu um lugar inatingível. Ela era um horizonte possível.

Mas hoje, sob a ótica de quem pesquisa as juventudes brasileiras, eu olho para trás e reconheço a dimensão desse privilégio num país estruturalmente desigual. Eu pude viver a juventude como um direito. Eu vivenciei o que chamamos de "moratória social". Esse é o tempo protegido das urgências da sobrevivência, um tempo para estudar, para errar e para alargar horizontes. Reconhecer isso é também afirmar o sentido ético e político de minha trajetória, que tem na minha família, em meus pais a sua raiz mais profunda.

Foi nesse tempo protegido da juventude, em 1994, ainda durante o Ensino Médio, que ocorreu o meu primeiro e definitivo encontro com a **Geografia**.

E essa escolha se deu através de um encontro. Um encontro com o professor Paulo Alentejano. Foi através do compromisso e paixão com que ele ensinava que eu percebi que a Geografia podia ser uma chave de leitura poderosa para o mundo. O professor Paulo Alentejano ensinava o quanto a Geografia permitia entender e, quem sabe, intervir na realidade. Paulinho Chinelo é o primeiro encontro. Um encontro que interferiu radicalmente em minha escolha da geografia como lugar de leitura do mundo.

Chegamos então ao **Segundo Momento** desta trajetória. Consolidadas as raízes, eu ingresso na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFRJ, em 1995.

A universidade abriu as portas do mundo para mim, mas era um mundo em franca disputa. Entrar na graduação na primeira metade da década de 90 significava viver e sentir na pele o avanço brutal do projeto neoliberal no Brasil.

Os anos de Fernando Henrique Cardoso foram marcados por um profundo desinvestimento no ensino superior. O sucateamento dos laboratórios, a precarização das bolsas e a asfixia das universidades públicas eram a regra. Mas foi justamente nessa adversidade que a minha formação política também vai se consolidando. Nos corredores

da UFRJ pulsavam resistência. O movimento estudantil, as greves em defesa da educação. Nestes espaços aprendi que aprender e lutar eram verbos próximos. Neste momento, estreitei meu compromisso em defesa da universidade pública.

E, paradoxalmente, em meio àquela escassez de investimentos e ataques à universidade, na década de 90, eu experimentei uma das maiores riquezas intelectuais da minha vida.

Foi na UFRJ que eu tive um segundo encontro. O encontro com o professor Maurício Abreu. Professor que moldou meu olhar para a pesquisa e para a complexidade do espaço geográfico.

A erudição, o rigor teórico e o cuidado do professor Maurício foram um farol na minha formação acadêmica. Com ele, aprendi a ler a cidade não como um cenário estático, mas através das suas camadas espessas de tempo, compreendendo as relações de poder que produzem e cimentam o espaço urbano. Ele me ensinou que fazer Geografia exige fôlego investigativo e compromisso com a história.

Termino a graduação em 2000 e neste mesmo ano me mudo para São Paulo, onde tive a oportunidade de vivenciar a Educação Popular no CEPIS, atuando com movimentos sociais. Também foi o momento de aproximação às lutas urbanas através de minha aproximação com movimentos de moradia e, em especial, o MTST. Essa experiência foi fundamental para compreender a Geografia não apenas como um campo de estudo, mas como uma ferramenta de transformação social, de luta por direitos e de construção de um mundo justo. Foi um período de grande aprendizado, onde a teoria e a prática se encontraram de forma densa. Essa vivência no chão da realidade me impulsionou a procurar mais ferramentas teóricas. E assim, ocorreu o meu retorno à UFRJ para o Mestrado em planejamento urbano e regional, no IPPUR.

O contexto histórico agora era outro, mas igualmente desafiador. Se na graduação enfrentei o neoliberalismo desmanchando a universidade, no mestrado, eu vi o neoliberalismo capturar a produção do espaço urbano. A virada para a cidade-mercadoria. O Rio de Janeiro estava sendo fatiado e vendido num balcão de negócios para os capitais imobiliário e financeiro, camuflado por discursos de modernização.

Naquele momento minha pesquisa acadêmica se entrelaçou indissociavelmente com a militância social, vinda da experiência em São Paulo e na "Consulta Popular", sobretudo através da campanha contra a Alca.

E no centro dessa simbiose entre o rigor teórico-metodológico e o engajamento político, estava a figura de meu orientador, o professor Carlos Vainer, e o ambiente pulsante do laboratório ETTERN.

O professor Vainer não me orientou apenas academicamente; ele me ajudou a forjar uma postura intelectual. Ele me ensinou que o pesquisador urbano não pode ter medo das disputas, e que o planejamento urbano é, antes de tudo, um campo de disputa. Nas cidades se revelam os conflitos, e eles precisam ser compreendidos. Em 2004 defendi minha dissertação intitulada: “Mudanças e permanências: uma aproximação aos trabalhadores sem teto em São Paulo” e projetei a continuidade de minha formação através do ingresso no doutorado, também no IPPUR .

A vida, no entanto, segue lógicas que extrapolam nossos próprios planos. E assim chego ao **Quarto Momento desse memorial**. O ano de 2004.

Este foi o ano de uma inflexão profunda na minha existência. A chegada da maternidade e a mudança de cidade para Juiz de Fora.

O nascimento da minha primeira filha, Cecília, aqui presente, redesenhou os contornos do meu mundo. Foi preciso me mudar para Juiz de Fora, onde tinha minha rede de apoio familiar. Assim como foi preciso dar uma pausa em meu projeto de fazer o doutorado.

A maternidade reconfigurou meus afetos, meu corpo e o meu tempo. Ser mãe e pesquisadora é uma travessia de resistências diárias. É precisar conciliar a demanda implacável do mundo acadêmico com a urgência invisível do cuidado. Como tantas mulheres, aprendi a ler entre as mamadas e a escrever de madrugada. A maternidade politizou ainda mais o meu tempo e me obrigou a definir outros caminhos para se chegar ao lugar desejado.

Também foi neste período que iniciei minha experiência como docente no ensino superior em uma universidade privada e depois como professora substituta na UFJF.

Mas, sobretudo, também foi nesse período que iniciei minha relação profissional com a UFJF, através do projeto de extensão “UFJF: Território de Oportunidades".

E foi ali que a semente principal da minha vida acadêmica brotou: a minha Geografia encontrou, definitivamente, as Juventudes. Trabalhando com jovens das periferias de Juiz de Fora, através do projeto de extensão UFJF: Território de Oportunidades, entendi que a juventude não é apenas um trânsito etário. É uma condição social costurada pelo, com e no espaço.

Essa inquietação forjou a minha tese e inaugura um novo momento desta caminhada. Meu doutorado no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFF.

O doutoramento se deu num dos períodos mais delicados da minha trajetória. Minha família enfrentava uma dificuldade imensa e dolorosa, que foi o acidente de meu pai. Foi um momento extremamente difícil. Morava em Juiz de Fora, trabalhava em Ubá, fazia doutorado na UFF, minha filha pequena ainda mamava e minha família passava por esse momento. O doutorado foi um bote salva-vidas. Um respiro. Mas a conclusão do doutorado só foi possível porque não estive só. Eu encontrei uma rede de solidariedade e um apoio irrestrito no programa de pós-graduação em Geografia da UFF, especialmente entre meus colegas de turma e nas figuras dos professores Jorge Barbosa, Márcio Piñon e Ruy Moreira. A universidade mostrou-se, ali também, um espaço de acolhimento.

E é nesse contexto de tempestade pessoal que se deu um encontro luminoso: o encontro com o professor Jorge Barbosa. A escuta atenta, a generosidade intelectual e a sensibilidade do professor Jorge foram um verdadeiro esteio. Ele ajudou-me a sustentar a pesquisa e a encontrar o sentido do trabalho quando tudo ao redor parecia difícil. Sob sua orientação, mergulhei fundo na construção da relação entre juventudes-espaço.

A defesa da tese “reconstruir utopias: jovem, cidade e política”, em 2009, coroou o tempo da pesquisa e abriu a porta para a possibilidade de tornar-me professora efetiva da universidade pública.

O cenário nacional, naquele momento, havia mudado. Vivíamos os ventos do programa REUNI. Um momento de expansão extraordinária, de capilaridade e de tentativa real de democratização do ensino superior. Fui aprovada, neste mesmo ano, no concurso da Universidade Federal Fluminense (UFF), no recém-aberto curso de

Geografia, no campus de Campos de Goytacazes, Norte Fluminense. Lá, enquanto esperava para fazer as provas deste concurso, conheci o professor Leonardo Carneiro.

Mas os caminhos trouxeram-me de volta à UFJF.

Em 2010 entrei na Universidade Federal de Juiz de Fora como docente efetiva. Cheguei num curso em franca transformação e expansão em razão do REUNI.

É neste momento, neste lugar, que eu reencontrei o professor Leonardo Carneiro. Foi no calor dessa chegada conjunta, na partilha das nossas inquietações e das nossas esperanças que decidimos, junto com o prof. Carlos Maia, em 2010, fundar o NuGea.

No NuGea somamos nossos trabalhos afirmando a centralidade de sujeitos, muitas vezes invisibilizados. Eu, os jovens urbanos. Leo os camponeses, quilombolas e as comunidades tradicionais.

Nossas geografias, durante muitos anos, se encontraram no NuGea, no Departamento de Geociências e na vida. Nas tardes com café e broa. Nas conversas na padaria. No chá de fralda de minha segunda filha.

Durante alguns anos Leo esteve presente em minha caminhada, até nos despedirmos dele em 2020.

Nesta casa, na UFJF, ao longo destes últimos 16 anos, a minha práxis docente se estruturou sobre uma convicção inegociável: a articulação indissociável entre ensino, pesquisa e extensão. O **ensino** é o meu chão. Seja na graduação ou na pós, tanto na sala de aula, quanto nos trabalhos de campo e nas orientações, busco me orientar pelo compromisso de formar professores e profissionais geógrafos dispostos a decifrar as contradições espaciais. A revelar os conflitos, assim como meus mestres me ensinaram, e a agir orientados pelo compromisso com o mundo, assim como também meus pais me ensinaram.

Mas esse ensino ficaria estéril sem a **extensão**. A extensão é a Geografia atravessando os portões da universidade para encontrar com a sociedade, construindo "espaços solidários", dialogando horizontalmente com os saberes.

E, por fim, a **pesquisa**. O eixo que retroalimenta os outros dois, gerando a reflexão rigorosa sobre o que ensinamos e sobre os territórios em que atuamos.

Esses eixos se encontram e se realizam no NuGea.

Desde a sua origem, concebemos o núcleo não apenas como um grupo formal, mas como um espaço coletivo de produção intelectual e um ambiente permanente de interlocução.

Ao longo dos anos, muitos docentes e discentes passaram por lá. Nas investigações que coordeno, privilegio temas como a cidade, a ação coletiva, a cultura, a política e as práticas espaciais cotidianas, sempre buscando compreender a dimensão espacial das experiências das juventudes.

Mas o NuGea desempenha um papel que vai muito além da pesquisa estrita. Ele é também lugar de formação dos nossos estudantes de graduação e pós-graduação.

Através de grupos de leitura, reuniões, projetos coletivos e eventos, o núcleo estruturou-se como um espaço de socialização acadêmica, onde diferentes gerações debateram e construíram, juntas, agendas de investigação.

No **ensino**, além da orientação de dezenas de trabalhos na graduação e pós, destaco minha atuação no **PIBID e** a criação e oferta da disciplina de Geografia das Juventudes.

A experiência no PIBID teve papel decisivo na minha trajetória como docente e pesquisadora, contribuindo simultaneamente para a formação dos estudantes, dos professores supervisores e para o meu próprio desenvolvimento profissional. Também influenciou diretamente minha atuação nas disciplinas de licenciatura, além de evidenciar a urgência de compreender os jovens escolares como sujeitos ativos, inspirando a elaboração e a proposição da disciplina Geografia das Juventudes. O PIBID não apenas consolidou o ensino como eixo central do meu fazer docente, mas também constituiu a base para ações de extensão que conectam universidade, jovens e território.

Já a disciplina Geografia das Juventudes foi instituída em 2017, no contexto da reforma do projeto pedagógico do curso, conduzida por mim e pelo professor Elias na condição de coordenadores da graduação.

Sua concepção atendeu a uma dupla finalidade: de um lado, oferecer, especialmente aos licenciandos, um espaço sistemático de reflexão sobre as juventudes, seus significados e práticas espaciais, reconhecendo-as como sujeitos ativos na produção do espaço e do conhecimento, contribuindo para a formação de futuros

docentes. De outro, fomentar o interesse discente pelo campo das juventudes, incentivando a formação de pesquisadores na área.

A disciplina foi estruturada de modo a articular ensino, pesquisa, mais recentemente extensão e compromisso social, promovendo não apenas a compreensão dos processos urbanos e das experiências juvenis, mas também o engajamento ético-político na prática docente e investigativa. Cabe destacar o caráter pioneiro da iniciativa no âmbito do DEGEO/UFJF, sendo posteriormente acompanhada por proposta semelhante no curso de Geografia da UFRGS, a partir da iniciativa de meu companheiro na geografia das juventudes, o prof. Victor Nedel.

O segundo eixo, a extensão universitária, se orienta pela convicção de que é no encontro com a sociedade que o conhecimento ganha sentido e densidade.

Compreendo a extensão como uma prática formativa baseada no diálogo entre universidade e sociedade, em que teoria e prática se tensionam e se transformam mutuamente. Nesse movimento, busco articular produção de conhecimento, formação discente e compromisso social, reconhecendo o potencial das experiências nos territórios para reconfigurar tanto a pesquisa quanto à docência.

As iniciativas que coordenei, como "Ágora", projeto desenvolvido com colegas e amigos deste departamento, os professores Wagner, Elias e Miguel, "Educação, direito e juventudes", feito em parceria com o GRUPPEJA, e, especialmente, "Se liga nas cotas!" expressam esse percurso.

Este último, em particular, nasce de um deslocamento teórico e político na minha trajetória. O projeto nasceu de um processo mais amplo de reflexão constituído no interior da minha prática docente na universidade pública. Ao longo dos anos, a presença crescente de jovens oriundos dos setores populares e beneficiários das políticas de ação afirmativa transformou profundamente o cotidiano universitário, tensionando nossas práticas pedagógicas e exigindo maior atenção às desigualdades que historicamente restringiram o acesso ao ensino superior. É desse contexto que proponho e realizo a pesquisa "Jovens cotistas e suas mediações espaço-temporais na cidade". Dela resulta o projeto de extensão "Se liga nas cotas". O projeto, portanto, emergiu desse movimento de escuta e autoquestionamento, constituindo-se como uma escolha ética, política e profissional orientada para ampliar o debate sobre ações afirmativas nas escolas públicas, ampliando, dessa forma, também, os horizontes de possibilidades desses jovens através do ingresso na universidade pública.

Mais recentemente, o “Laboratório urbano de soluções coletivas” aprofunda esse compromisso ao valorizar o protagonismo juvenil e as práticas produzidas nas periferias.

Estes projetos expressam um esforço contínuo de articular ensino, pesquisa e intervenção social, reafirmando a extensão como espaço de produção de conhecimento situado, crítico e socialmente implicado.

O terceiro eixo trata de minha trajetória em pesquisa, marcada pela construção progressiva de um campo de investigação centrado nas relações entre juventudes e cidade.

Entre 2010 e 2013, coordenei meus primeiros projetos, inaugurando esse eixo analítico ao investigar as práticas espaciais juvenis em cidades médias, com destaque para Juiz de Fora. Esses estudos consolidaram a compreensão das juventudes como sujeitos ativos na produção do espaço.

Ao longo dos anos, essa agenda foi ampliada e complexificada, incorporando o debate sobre habitação, políticas urbanas e, posteriormente, políticas de ação afirmativa. As pesquisas passaram a explorar como diferentes condições urbanas e institucionais, como o acesso à universidade, reconfiguram trajetórias, territorialidades e campos de possibilidade para os jovens.

Mais recentemente, observa-se um movimento de sistematização e consolidação da Geografia das Juventudes, articulando investigações empíricas, balanços teóricos e formação de redes de pesquisa, com destaque para a REJUPE.

Esse percurso evidencia meu amadurecimento analítico e a afirmação de uma agenda comprometida com a compreensão das juventudes como agentes centrais na produção e transformação da cidade.

Dessas ações de ensino, pesquisa e extensão, derivaram algumas das minhas publicações.

Publicar é dialogar. É submeter a nossa reflexão ao crivo dos pares; é um trabalho intelectual que exige tempo de maturação e responsabilidade.

E falar de "tempo", na vida de uma mulher acadêmica, é falar de uma travessia desigual. O gráfico de publicações que trago neste documento revela pausas e oscilações de ritmo, especialmente entre 2017 e 2022.

Esse período marca o nascimento da minha segunda filha, a Ana, a minha licença-maternidade e, logo depois, o impacto da pandemia de Covid-19, período em que exerci a coordenação da pós-graduação e vivia a pandemia com uma filha adolescente e uma criança de três anos em casa.

Como bem denuncia o movimento *Parent in Science*, a maternidade é um marcador estrutural de desigualdade na ciência. Durante a pandemia, o fechamento das escolas e a suspensão das redes de apoio fizeram com que o trabalho reprodutivo e de cuidado recaísse ainda mais pesadamente sobre nós, mulheres.

Apesar de todas as intempéries, minha produção manteve-se contínua e, recentemente, tenho buscado retomá-la com mais intensidade.

Há ainda um outro detalhe nesse percurso: se olharmos para a autoria dos meus trabalhos, veremos que boa parte deles é construída em coautoria

Isso não é um acaso métrico. É uma escolha ética e pedagógica. Para mim, publicar em coautoria com os meus orientandos de iniciação científica, mestrado e doutorado é entender a escrita acadêmica como um espaço de formação.

É dizer também que o conhecimento não se faz na solidão do gabinete, mas na partilha. É nesse fazer coletivo que tenho direcionado minhas publicações em torno de três eixos:

- Análise das relações entre produção do espaço urbano, políticas habitacionais e desigualdades socioespaciais
- Reflexões que articulam pesquisa, formação e extensão universitária, discutindo práticas pedagógicas, formação docente e experiências extensionistas
- E um terceiro eixo associado às cidades, às juventudes e suas práticas espaciais

Além destes três eixos, a trajetória na UFJF, ao longo destes anos, foi marcada por um conjunto de outras ações e compromissos.

Neste mosaico de atuações, quero começar pela **Administração**. Assumir funções de gestão no interior da universidade constitui parte importante da vida acadêmica, sendo também um ato de compromisso político com o caráter público desta casa. Fui Coordenadora da Graduação e da Pós-Graduação. Fui e sou Chefe do

Departamento de Geociências. Participei de conselhos superiores como o CONSU, CONGRAD e CSPP e de diversas comissões. Fazer gestão em tempos de ataques à ciência é colocar-se na defesa da sobrevivência da universidade.

Além da administração, destaco ainda a organização de **Eventos**. Os Colóquios do NuGea e os Seminários Juventudes e Cidades e os Seminários Brasileiros de Pesquisa com Juventudes na Geografia foram espaços de respiro, de encontro e de partilha que ajudaram a consolidar, em nível nacional, a Geografia das Juventudes. É nesses encontros que as ideias circulam e as amizades intelectuais se forjam.

Já os grupos de estudo trataram das temáticas que atravessam minhas ações de pesquisa e extensão.

Por fim, no **PIBIART** — o nosso programa de iniciação artística – pude orientar projetos sobre os murais e o grafite na cidade, sobre as ruas que falam através da arte urbana, e sobre a memória da arte Drag. Aproximar a Geografia da Arte, através das práticas dos jovens como expressão de seu pertencimento territorial através da cultura, foi um dos resultados de minha participação como orientadora no PIBIART.

Minha trajetória profissional também foi atravessada pelos espaços e momentos de luta.

Minha participação nas lutas políticas não se inicia na universidade, mas no ambiente familiar, marcado pela convivência com meus pais, professores, educadores e militantes sociais, que desde cedo me apresentaram a indissociabilidade entre educação e compromisso com a transformação social. Foi nesse contexto que compreendi a docência não apenas como prática de ensino, mas como posicionamento diante da vida.

Essa formação ganha concretude no movimento estudantil, ainda na graduação. No período em que vivi em São Paulo, quando me aproximo dos movimentos sociais urbanos e, posteriormente, no mestrado, quando integro a Consulta Popular.

Ao ingressar como professora efetiva na UFJF, essa trajetória encontra novos espaços de atuação. A defesa da universidade pública passa a constituir um eixo estruturante do meu trabalho acadêmico, não como dimensão acessória, mas como princípio orientador. É nesse sentido, por exemplo, que se insere minha atuação no movimento sindical, ao assumir a função de secretária-geral da nossa associação

docente e nas muitas mobilizações e lutas sociais. Muitas das quais, acompanhada pelos meus colegas de departamento.

Em um contexto marcado por restrições orçamentárias, questionamentos à ciência e tensionamentos em relação aos direitos sociais, a organização coletiva se impõe como condição de atuação. A participação em assembleias, mobilizações e paralisações expressa não apenas meu engajamento individual, mas a construção compartilhada de respostas institucionais e políticas frente aos desafios colocados à universidade pública.

A defesa da educação pública, gratuita e socialmente referenciada constitui, assim, um elemento permanente da minha trajetória, articulando prática docente, atuação institucional e compromisso político.

Toda essa caminhada, que entrelaçou ensino, pesquisa, extensão e atuação política, foi e é costurada pela "Geografia das Juventudes".

Hoje reconheço que as juventudes chegaram até mim antes mesmo de eu as nomear como objeto de reflexão geográfica. Elas estavam lá no exemplo dos meus pais; estavam nos jovens trabalhadores que vi organizarem-se nos movimentos por moradia em São Paulo; e ganharam contornos definitivos aqui na UFJF, no projeto "Território de Oportunidades". Foi ao acompanhar aqueles jovens moradores do entorno da universidade que compreendi que a cidade não é apenas um cenário, mas uma condição concreta de possibilidade — ou de limite — para a realização de suas juventudes. O espaço não é o palco das práticas juvenis; ele é uma dimensão constitutiva da própria experiência das juventudes.

Trabalhar com a Geografia das Juventudes não é uma escolha temática ocasional. É o ponto para onde desagua a minha trajetória. Minha formação acadêmica e minha atuação política me ensinaram que a cidade é um campo de disputas. A educação popular me ensinou a escuta. A extensão mostrou-me que o conhecimento também se produz no encontro com os sujeitos concretos. E a pesquisa acadêmica ofereceu-me o rigor teórico e metodológico para fundir tudo isso.

O que propomos, eu e meus companheiros da Geografia das Juventudes, é reconhecer os jovens como um sujeito social ativo, produtor de espacialidades. Jovens não existem em abstrato; as suas experiências são moldadas por desigualdades de

classe, raça, gênero, território, e tantas outras, e pelas condições concretas de circulação e existência na cidade. O espaço é dimensão constitutiva das juventudes.

E foi com o esforço de consolidar esta agenda que estruturei a minha carreira docente.

Neste esforço, destacam-se a defesa de minha tese de doutorado, a participação no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da UFJF, como momento decisivo para formar novos investigadores neste campo, a criação da disciplina "Geografia das Juventudes" na graduação, a organização de eventos, o desenvolvimento de pesquisas e ações extensionistas com juventudes, a publicação.

Em todos eles o meu objetivo era muito claro: consolidar uma agenda analítica rigorosa sobre a dimensão espacial dessas experiências e, fundamentalmente, garantir a convicção de que não é possível formar professores de geografia sem que eles compreendam quem são os jovens com quem irão dialogar nas escolas e nas cidades.

Este é um movimento que não faço sozinha. Ele fortalece-se no diálogo com uma rede de investigadores que têm adensado este subcampo no Brasil e, mais recentemente, com a Rede de Pesquisa sobre Juventudes e suas Práticas Espaciais, integrando colegas da UFF, UERJ, UnB e IF Baiano. Juntos, buscamos expandir e consolidar um subcampo na Geografia brasileira.

É assim que a Geografia das Juventudes se tornou, para mim, muito mais do que um tema de investigação. É um modo de olhar para o mundo. É perceber que as cidades são construídas diariamente pelas práticas juvenis a partir das quais os jovens ocupam praças, produzem arte, trabalham, fazem política e estudam, desafiando os limites que lhes são impostos.

O meu compromisso com os jovens é acadêmico, sim, mas é sobretudo ético. E foi neste diálogo profundo, entre juventudes, cidade e geografia, que encontrei o meu lugar mais potente para seguir a pensar o espaço.

Aproximamos-nos do fim desta narrativa, e é inevitável retornar ao início para então sintetizar e compreender este percurso.

Uma trajetória não se organiza como uma linha reta; ela se assemelha mais a um rio, com suas curvas, inflexões, trechos mais lentos e outros mais intensos, por vezes

abandonando antigos leitos, mas sempre seguindo adiante, alimentado pelos encontros com outros cursos d'água que o atravessam e o transformam.

Ao revisitar esses marcos, é possível perceber como o interesse pela Geografia, despertado ainda em 1994, ganha consistência na formação na UFRJ, a partir de 1995, onde a mobilização estudantil se articula ao rigor analítico da pesquisa. Essa base, no entanto, não permaneceu restrita ao espaço acadêmico. No início dos anos 2000, ela se desloca para a experiência em São Paulo, onde o trabalho com educação popular e movimentos de moradia tensiona e amplia as questões até então formuladas. É nesse momento que a relação entre teoria e prática deixa de ser uma formulação abstrata e passa a constituir um princípio organizador da trajetória.

Em 2004, uma mudança de ordem pessoal — a maternidade e a ida para Juiz de Fora — introduz uma nova inflexão. Aquilo que poderia ser interpretado como interrupção revela-se, na prática, como reorientação. A inserção no projeto "Território de Oportunidades" me aproxima de forma decisiva a pesquisa das experiências juvenis em contextos periféricos, deslocando e redefinindo a agenda de investigação. É também nesse movimento que se estabelece o vínculo com a UFJF.

Essa inquietação é levada ao doutorado na UFF, entre 2006 e 2009, onde se consolida na formulação da pesquisa sobre juventudes, cidade e política. Trata-se de um momento de síntese, no qual experiências acumuladas em diferentes contextos passam a ser organizadas de forma mais sistemática, abrindo caminho para a atuação no ensino superior, inicialmente na UFF e, a partir de 2010, na UFJF.

O que esse percurso evidencia não é uma sucessão de etapas isoladas, mas a permanência de questões que se transformam ao longo do tempo. As experiências com educação popular, o rigor da formação acadêmica e os deslocamentos produzidos pelas vivências pessoais e profissionais permanecem operando no presente.

Elas não ficaram para trás; seguem informando as escolhas, os projetos e as formas de atuação. São, em conjunto, a estrutura que sustenta o trabalho desenvolvido hoje. Toda essa trajetória projeta-se, inevitavelmente, para o futuro.

A memória, nesse sentido, não opera como um simples registro do passado. Ela atua como princípio ativo de orientação, capaz de reorganizar experiências e projetá-las

em novas direções. Ao mobilizar o que foi construído, ela redefine o que ainda pode ser feito.

Assim, a progressão à classe de professora titular não representa um ponto de chegada, mas uma nova inflexão. Trata-se de uma condição que amplia responsabilidades e reposiciona o lugar de atuação, exigindo maior capacidade de articulação, formulação e trabalho acadêmico e coletivo.

Nesse cenário, a consolidação da Geografia das Juventudes como subcampo de investigação e o fortalecimento da REJUPE colocam novos desafios a essa trajetória. A agenda de pesquisa demanda aprofundamento teórico, ampliação empírica e maior integração entre grupos e instituições.

É nesse horizonte que também se insere o projeto de pós-doutoramento como desdobramento da trajetória construída até aqui. Ele expressa a continuidade de um investimento intelectual voltado à qualificação das categorias analíticas e à expansão das redes de pesquisa no campo.

O percurso, portanto, não se encerra e também não se trata apenas de dar continuidade ao que foi construído, mas de seguir produzindo conhecimento a partir dos encontros que ainda virão, reafirmando que a vida acadêmica é, necessariamente, uma construção compartilhada. Ele se reconfigura, apoiado no acúmulo produzido e orientado por novos problemas e escalas de atuação.

Para encerrar esta apresentação, retomo ao início: Eu nunca estive só nessa caminhada. Nada do que foi construído aqui é exclusivamente individual; trata-se de um processo coletivo, tecido por relações que se cruzam, se afetam e se transformam ao longo do tempo.

Ao meu lado, em diferentes momentos e com diferentes ritmos, caminharam muitas pessoas, familiares, amigos, colegas, discentes, alguns dos quais aqui presentes. Pessoas cujos encontros deixaram marcas profundas naquilo que me tornei como professora, pesquisadora e sujeito no mundo.

À minha família, meu ponto de sustentação mais contínuo, meus pais, primeiras referências do valor da educação e do compromisso com o outro. Minhas filhas, que diariamente reposicionam o sentido do tempo, da responsabilidade e do futuro. Aos amigos e amigas, com quem compartilhei não apenas conquistas, mas também as

tensões e incertezas do percurso, constituindo espaços fundamentais de afeto, escuta e permanência.

Aos meus professores, que ampliaram horizontes e estabeleceram as bases da minha formação, aos colegas do Departamento de Geociência e do ICH, com quem divido o cotidiano e a construção institucional; aos meus inestimáveis parceiros da Geografia das Juventudes, com quem venho contribuindo para consolidar um subcampo de investigação. Aos meus alunos, alunas, orientandos e orientandas, que não apenas justificam, mas também renovam continuamente o sentido do trabalho que realizo.

Registro também a importância dos espaços institucionais que atravessam essa trajetória, em especial o departamento, o ICH e os grupos de pesquisa dos quais faço parte, que se constituíram como ambientes de produção intelectual e convivência acadêmica. Neles, ideias, inquietações e projetos foram sendo construídos de forma compartilhada.

Por fim, revisitar esse percurso é reconhecer que ele também é feito de presenças que permanecem, mesmo na ausência, e de vínculos que continuam a operar no modo como penso, ensino e pesquiso. Nesse sentido, registro a presença e o agradecimento ao meu professor Maurício Abreu, ao meu amigo Leonardo Carneiro e, em especial, ao meu pai, Paulo Roberto Curvelo Lopes, docente desta casa, que já não está mais aqui para partilhar comigo este momento de promoção à titularidade, mas permanece sendo, junto à minha mãe, referência fundamental da professora que procuro ser.

Todos vocês atravessaram a minha trajetória, afetando-a irremediavelmente. Estar no mundo, para mim, é exatamente isto. Abertura às experiências, aos encontros e às interpelações que eles produzem. Ser atravessada por essas relações não é acessório, mas condição para a vida acadêmica que escolhi construir. É isso que busco também transmitir aos estudantes: que o conhecimento não se produz no isolamento, mas na disposição de escutar, de se deslocar e de se implicar com o mundo.

É preciso reconhecer que ninguém caminha só, e que cada um de nós é responsável pela sua própria caminhada e, simultaneamente, pela caminhada de muitos outros.

Agradeço imensamente a todas e a todos por terem me permitido ser afetada por vocês. Obrigada!

Documento assinado digitalmente
gov.br
CLARICE CASSAB TORRES
Data: 29/10/2026 17:51:15-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Juiz de Fora, 11 de maio de 2026